

EDUCAÇÃO



NATAL, SÁBADO, 10 DE DEZEMBRO DE 2005

O Sertão virou sala de aula



PROFESSORES E ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E SUPERIOR RECONSTITUEM EXPEDIÇÃO DE CASCUDO, DE 1934, NO INTERIOR DO ESTADO

EDITORIAL

Nem precisaríamos revirar as páginas dos jornais antigos para saber que há 71 anos, no sertão potiguar, não havia energia elétrica, água encanada, estradas asfaltadas, antenas parabólicas e os carros eram somente os de boi. As escolas eram pequenos prédios, hospital nem pensar. As parteiras eram sim, grandes profissionais para quem não faltava serviço. As comunicações vinham a cavalo ou a telégrafo e a religiosidade, bem como os folguedos populares animavam a cultura interiorana. Era assim, o sertão do Rio Grande do Norte, retratado por Câmara Cascudo em sua viagem, chefiada pelo então interventor Mário Câmara, em 1934.

Muitas são as diferenças de ontem e de hoje, e de região para região, sejam elas climáticas, geográficas, econômicas, sociais ou educacionais. E foi justamente esse olhar crítico que motivou o

DIÁRIO DE NATAL, através do Projeto Ler/DN Educação, com o importante apoio da governadora Wilma de Faria e da Secretaria de Educação, além da UFRN, Cefet e da ong IDEAR a refazerem o percurso traçado por Câmara Cascudo. Estudantes do Ensino Fundamental, Médio e Superior, além de professores de História e Geografia percorreram mais de 1.230 quilômetros do sertão potiguar. Cascudo integrou a comitiva como chefe regional integralista e, depois, descreveu a expedição nas páginas do jornal A República, documentando-a, mais tarde, no livro "Viajando o Sertão", publicado em três edições (1934, 1975 e 1984).

O DN Educação mostra, nesta edição, como foi "Viajando o Sertão de novo" e faz um parâmetro das duas realidades, evidenciando as transformações dos aspectos sócio-econômicos do interior do Rio Grande do Norte.

DN EDUCAÇÃO

Diretor Geral:

Albimar Furtado

Diretor de Redação:

Osair Vasconcelos

Promoções e

Projetos Especiais

Afonso Laurentino Ramos

Editor do Suplemento:

Francisco Francerle

Reportagens

Adriana Amorim

Francisco Francerle

Sérgio Vilar

Diagramação

Paulo Moreira

Telefone: 4009 0190 / 0192

francerle@diariodenatal.com.br

ARTIGO ALBIMAR FURTADO*

Viajando o Sertão 2005

Quase 72 anos nos separam do projeto idealizado pelo então interventor Mário Câmara e realizado pelo professor, escritor e folclorista, Câmara Cascudo. O mestre potiguar viajou pelo interior do Rio Grande do Norte, durante 14 dias, percorrendo mais de 1.300 quilômetros. Viagem de observação, estudo e registro. De tudo, além do relatório final, resultou o livro "Viajando o Sertão".

Quase 72 anos depois, onde andou Câmara Cascudo?

Para responder a esta pergunta o Governo do Estado, por sua Secretaria de Educação, o Diário de Natal, através do DN Educação/Projeto Ler e o CEFET projetaram e realizaram a expedição -Viajando o Sertão de Novo" da qual participaram coordenadores da rede estadual de ensino, professores dos cursos médio e universitário, estudantes e jornalistas, num total de 50 pessoas.

Como consequência dessa viagem O Poti/Diário de Natal já publicou reportagem de mais de duas páginas; outro trabalho foi veiculado no DN Vestibular, e o assunto será enfocado em um dos próximos programas "Grandes Temas", na TV Universitária.

Em outra ação, os professores integrantes da expedição, utilizando as observações e anotações, promoveram ampla discussão do tema em sala de aula.

Hoje, mais uma etapa deste projeto é realizada com a edição deste DN-Educação, detalhando tudo o que foi visto, ouvido, observado por alunos e professores.

Com os objetivos atingidos, os idealizadores do projeto sentem-se gratificados pela produção resultante, colocada à disposição da educação do Rio Grande do Norte.

Cascudo e a política

Por convite do Sr. Interventor e do Diretor do Departamento de Educação, tenho visitado o sertão e assistido a inaugurações de quinze prédios escolares. Tenho feito vários discursos em presença de chefes locais do Partido Popular e Povo, e desafio, de maneira formal, que qualquer um desses senhores afirme, sob sua assinatura, que me ouviu abordar qualquer tema que se referisse ao momento político atual. Se o tivesse feito, assumiria absolutamente toda e completa responsabilidade.

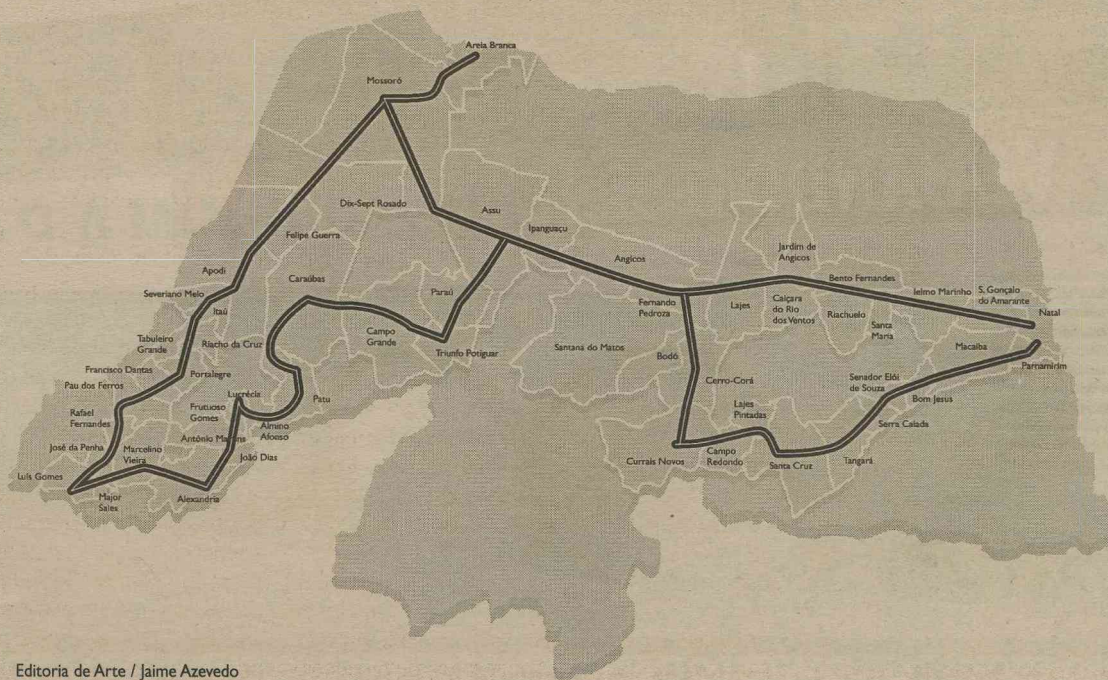
Chefe Provincial Integralista, miliciano convicto, considero os Partidos Políticos meras fórmulas desacreditadas e incapazes de uma renovação social. Não pertencço a nenhuma agremiação partidária e mantenho relações íntimas com vários próceres que não ignoram a retidão de minha atitude, assumida publicamente a 14 de julho de 1933.

Aos "camisas-verdes" de minha Província não dou explicação, porque eles me conhecem de perto. Aos políticos é desnecessária qualquer justificação em contrário às suas afirmativas porque "política é isso mesmo". Luís da Câmara Cascudo

("A República"), de 04.09.1934.

AGRADECIMENTOS

- Vânia Gico
- Salizete Freire
- Diela Nãate
- Edilson Alves
- Levi Rodrigues
- Daliana Cascudo
- Cláudio Galvão
- Antônio Spinelli
- Clotilde Tavares
- Frankilin Jorge
- Viltany Freitas
- Izamar de Oliveira
- Edróbledo José



Editoria de Arte / Jaime Azevedo

Fotos Eduardo Maia/DN/27.10.05



Um total de 37 estudantes e 5 professores participaram da viagem de três dias, passando por 50 municípios potiguares

CARAVANA APÓS 71 ANOS, ESTUDANTES E PROFESSORES REFAZEM VIAGEM DO FOLCLORISTA AO SERTÃO DO RN



Pé na trilha de Cascudo

Arquivo/Memorial Câmara Cascudo



Câmara Cascudo, na década de 30, ao lado da esposa e filha

Em 1934, o Interventor Mário Câmara convoca o então escritor Luís da Câmara Cascudo a percorrer os sertões potiguares e registrar a situação educacional do Estado em livro, que se chamou "Viajando o Sertão". Foram 1.307 km de trilha, completos em 13 dias de viagem, onde um Ford velho foi responsável maior pela locomoção dos integrantes da comitiva. No intuito de percorrer os principais pontos registrados no livro de Cascudo há 71 anos, uma nova expedição com 42 pessoas, entre estudantes do ensino médio, universitários do curso de geografia, história e ciências sociais da UFRN e do Cefet, professores, jornalistas e membros da Secretaria Estadual de Educação refaz parte do trajeto, entre os dias 27 e 29 de outubro e constatou mudanças no conteúdo pedagógico das escolas estaduais visitadas por Cascudo ou mesmo na paisagem e costumes dos sertanejos.

A comitiva do interventor Mário Câmara precisou usar canoa, rebocador, trem e até hidro-avião para livrar-se dos chãos lamacentos, xique-xiques,

escalar penhascos e ultrapassar obstáculos os mais variados, que formavam o cenário sertanejo em 1934. Mas o resultado valeu à pena. Escolas foram visitadas, inauguradas e mereceram registros importantes no livro de Cascudo, além de observações que ajudaram a compor um perfil dos contrastes da vida no sertão. A nova expedição - organizada pelo Diário de Natal, através do Projeto Ler/DN Educação, em parceria com a Secretaria Estadual de Educação - andou por 1.236km, passando por mais de 50 municípios potiguares.

Os municípios que a nova expedição - chamada "Viajando o Sertão de Novo" - visitou, obedeceu o roteiro das escolas inauguradas ou visitadas pela comitiva do interventor Mário Câmara, em 1934. O objetivo foi constatar a estrutura física e pedagógica, como também verificar a evolução no ensino dessas escolas, descritas no livro de Cascudo. E, assim como o contraste de flores e espinhos, beleza e sofrimento que marcam aquelas terras secas do sertão, os alunos e professores também presenciaram contrastes nas escolas em que Cas-

cudo esteve. Algumas, como o Educandário Nossa Senhora das Vitórias, no município do Assu, virou Faculdade; outras, como a Escola Estadual Luís Gondim, do município de Espírito Santo do Oeste, antigo Paraú, encontravam-se interdidas por comprometimento de sua estrutura física.

Além das escolas e da paisagem seca e cinza que marca esta estação do ano no Sertão, a nova expedição presenciou também personagens típicos daquelas terras, que enriqueceram o conhecimento dos alunos e professores que compunham essa empreitada pelos sertões potiguares; personagens reais da história mística sertaneja, também lembrados e vistos pelos olhares atentos de Cascudo. Na verdade, a expedição de Cascudo sucedeu uma outra feita em 1861, pelo Presidente Pedro Leão Veloso, no interior da Província, onde levou em sua comitiva o historiador Manoel Ferreira Nobre e o poeta e jornalista Francisco Otílio Álvares da Silva, autor da primeira reportagem escrita e conhecida sobre o sertão do Rio Grande do Norte.

ENTREVISTA VÂNIA GICO

O gosto pela literatura, pela vida de intelectuais e pela cultura popular veio dos tempos da infância, aos oito anos de idade, numa época em que as cidades eram pouco habitadas e os sítios pertenciam plenamente ao meio rural. Vânia Gico, natural de Pernambuco e professora de instituições como a UFRN e a FARN, relembra com orgulho dos primeiros contatos com a leitura, em

especial sobre a vida das pessoas que contribuíram na construção das memórias histórica e cultural brasileiras. Nesta entrevista especial, a educadora, que trabalha com Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, onde desenvolve as suas atividades no âmbito da investigação social, além de presidir as ações da ONG Idear, fala de suas descobertas sobre Luís da Câmara Cascudo, pelo

qual demonstra profunda admiração, tendo realizado estudos sobre sua obra desde 1993, quando concluiu sua tese de Doutorado em Ciências Sociais. De lá para cá, publicou dois livros e escreveu dezenas de artigos sobre o folclorista. Dentre outros assuntos, a estudiosa dá ênfase à expedição pelo interior do Rio Grande do Norte, de 1934, refeita este ano, da qual ela fez parte.

A memória social da Educação

Eduardo Maia/DN/28.10.05

ENTREVISTA A
ADRIANA AMORIM

DN Educação - Como surgiu o desejo de estudar a vida e obra de Câmara Cascudo?

Vânia Gico - Quando criança, o primeiro contato com Cascudo foi através do livro "Vaqueiros e Cantadores". Somente muitos anos depois, quando vim morar em Natal, em 1987, devido aprovação em concurso da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), passei a ouvir mais sobre sua vida. Aqui, todo mundo falava de Cascudo como uma pessoa muito ilustre na cidade. Pensando em um tema para a minha tese de Doutorado, surgiu a idéia de estudá-lo, até porque não existiam estudos na área de Ciências Sociais sobre sua obra. Para fazer a tese, ganhei o livro "O Universo de Câmara Cascudo", de autoria de José Américo Costa, que define o folclorista como "um oceano cheio de ilhas", e essas várias ilhas eram os vários estudos que ele estudava. O meu objetivo na tese foi saber de quantas coisas ele falava, e assim poder defini-lo como folclorista, historiador e etnógrafo. Quando eu consegui mapear esses três pontos, foi mais fácil organizar um pouco o pensamento dele. A partir desse contato, gostei muito e ainda hoje continuo pesquisando seus estudos.

Quais foram os resultados obtidos por meio da sua tese?

Ao voltar de São Paulo, onde estive no período de 1994 a 1998, participando do grupo de pesquisa "Itinerários Intelectuais", da PUC, onde pude defender a minha tese, nós, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, criamos a disciplina "Interpretações do Brasil". Nela, estudamos, todos os anos, as interpretações partindo de Cascudo e buscando outros intelectuais, como Gilberto Freyre, Mário de Andrade e Josué de Castro. Isso me dá a possibilidade de sempre estar buscando, aprendendo e me encantando com o que encontro. Ao pesquisarmos obras de outros autores, encontramos citações fantásticas sobre Cascudo.



Além do Doutorado, seu Pós-Doutorado, em Lisboa, também abordou Cascudo. Como foi essa experiência?

Em todos os lugares que eu andei fazendo pesquisa, sempre encontrei novidades. Antes de pensar em fazer o Pós-Doutorado em Lisboa, tive a oportunidade de conhecer um dos professores da Universidade Nova Lisboa que acompanhou Cascudo na viagem à África. Perguntei, então, se ele gostaria de me ter como orientanda, para, dessa forma, continuar a estudar Cascudo, pois eu precisava procurar as cartas e artigos de 1921 a 1940, publicados em muitas revistas de Portugal. Lá,

para o nosso prazer, encontramos Cascudo citado por muitos autores não-brasileiros, além de muitos artigos dele publicados em revistas européias. Encontrei também a sua obra em quase todas as bibliotecas pesquisadas.

E qual a importância de estudar a vida e obra de Câmara Cascudo?

Não estamos aqui, hoje, sem ter tido um passado. Esse passado que nos reconstrói é o passado que foi construído anteriormente por uma intelectualidade, por nossos pais, pela história social de outras pessoas. E hoje nós somos o resultado disso. Nós não co-

nhecemos as nossas origens, nem os conhecimentos que foram gerados anteriormente, nem os conhecimentos da tradição. Geralmente, a gente se especializa em uma área. Temos um conhecimento fragmentado, por isso, não conhecemos tudo. No curso de Medicina, onde leciono a disciplina Sociologia da Saúde, por exemplo, os estudantes, muitas vezes, questionam o motivo de estudar Cascudo, já que eles vão ser médicos. Aos jovens, duas coisas que eles precisam saber: que a gente teve um passado, ou seja, a base do que somos hoje, respeito por essa ancestralidade, e depois que a gente di-

ga que nós temos uma cultura, temos muitos autores importantes.

Após todas essas conquistas, você ainda continua na busca de novas descobertas. Qual o objetivo da ONG Idear?

Trazer as experiências obtidas dentro da universidade e levar numa forma mais simples para as pessoas no seu cotidiano. Seria uma promoção da cultura no sentido de as pessoas se interessarem por livros, bibliotecas, música, essas coisas que não se chama mais atenção nesse mundo cheio de capital, mer-

cadorias. Iríamos na contramão dessa teoria, trazendo a possibilidade de trabalhar com a memória social da educação, com professores de 80, 90, 100 anos de idade, e que ainda estão escrevendo, criando um grupo de memória da educação, registrando experiências que, sem uma atenção especial, vão embora com as pessoas.

Seria interessante levar esses estudos para as escolas da Educação Básica?

Cada geração tem suas peculiaridades. Conhecer o Brasil e a sua cultura é um esforço que as Políticas Públicas em Educação estão fazendo para que o jovem conheça sua história. A cultura de se ensinar nos Ensinos Fundamental e Médio, além de o esforço não ser muito grande, temos uma coisa terrível, que é a corrupção. Desde que eu comecei a trabalhar com a obra de Cascudo, é a falta dos livros dele nas bibliotecas para os jovens estudarem o principal entrave. A Secretaria Estadual de Educação, na vigência de Betinho Rosado, firmou um convênio com a Editora Global de reeditar os livros do folclorista, e de enviá-los como kits a todas as bibliotecas do Estado e municípios, e, a partir da expedição "Viajando o Sertão de Novo", ao visitarmos dez bibliotecas, averiguamos que não tinha um só livro de Cascudo recebido. Isso é grave e é preciso ser investigado. Onde estão estes livros?

Quais as suas impressões do projeto de revisitar os locais visitados por Cascudo, este ano?

Viajando o Sertão é um dos livros de Cascudo que conta uma viagem com o Interventor Mário Câmara para visitar as escolas no interior do Estado. Era uma comitiva muito forte, e a comunicação não é como hoje. Os interventores e supervisores visitavam anualmente as escolas. Nesta viagem de três dias, eu tive três boas impressões. A primeira é que eu encontrei água em vários lugares do interior. De repente, encontrávamos um vale, como o Vale do Açú. A segunda foi a vontade da equipe de descobrir coisas novas, e a terceira, que me deu muita vontade de continuar estudando ainda mais a obra de Câmara Cascudo, foi que, em algumas escolas, ele foi estudado, pelo menos em 1998, quando aconteceu o centenário de seu nascimento, como foi o caso do Colégio

Nossa Senhora das Vitórias, em Assu, e, em Pau dos Ferros, na Escola Estadual José Fernandes de Melo. A impressão da viagem é maravilhosa, pois nós aprendemos muito. Com relação aos jovens, houve o sentido de eles pensarem que a educação não é só sala de aula. É conhecer o cotidiano das pessoas, como elas compreendem a sociedade, a obra, como o autor pode contribuir para sua formação.

E com relação aos pontos negativos?

O contraste é que algumas escolas que foram inauguradas por ele não conhecem a obra, não têm lembranças dessa passagem. Uma coisa que não é surpresa é que as pessoas não conhecem a obra de Cascudo. Nessas horas, eu gostaria que elas lessem a obra, mas

“
A SECD reeditou os livros de Cascudo para enviá-los como kits a todas as bibliotecas do Rio Grande do Norte. Ao visitarmos dez escolas, averiguamos que não tinha um só livro recebido. Onde estão estes livros?”

não existem livros. Por outro lado, nós apostamos que iremos voltar e encontrar professores corajosos, que vão tentar mudar essa realidade. Nós aprendemos muito o que é o interior do Estado.

Como boa observadora, o que mais marcou nessa expedição?

Encontramos personalidades. A memória social da educação foi uma área de grande enriquecimento. Em Assu, encontrei dois senhores que conheceram Cascudo, de 83 e 88 anos de idade, e eles falaram da presença do historiador. Outra pessoa superinteressante foi uma senhora de 92 anos, que, ainda hoje, é uma pessoa que influencia todo o desenvolvimento do dia-a-dia do Colégio Nossa Senhora das Vitórias. Em Malhada Vermelha, dona Bembém, uma professora de 82

anos, que nunca parou de ler, escrever, estudar, e que está escrevendo um livro sobre a cidade. Ela é capaz de falar sobre o carro de boi e de todo o desenvolvimento dele na sociedade antiga, até sua substituição. Uma das coisas mais bonitas foi descobrir essas pessoas. Em Luiz Gomes, encontramos o Seu Chico, de 82 anos, que sempre morou em casa de barões, era 'mandado'. Embora a gente diga que não houve escravidão no RN, ele foi um escravo.

Do ponto de vista pedagógico, qual foi o objetivo fundamental dessa viagem?

O fundamento básico era revisitar os lugares que Cascudo visitou. Do ponto de vista da pedagogia é mostrar que educação não é só sala de aula, mas, principalmente, a convivência com outras pessoas. Ninguém saiu da excursão como entrou. Tira-se a impressão de que a capital é melhor que o interior. A gente poderia dizer que a educação é uma forma de se pensar no outro, interagindo em sociedade. Viajando o Sertão 2005 atingiu o objetivo inicial, mas repensando a educação. E se eu tivesse de dar um título, daria "Revisitando a memória social da educação no sertão do RN".

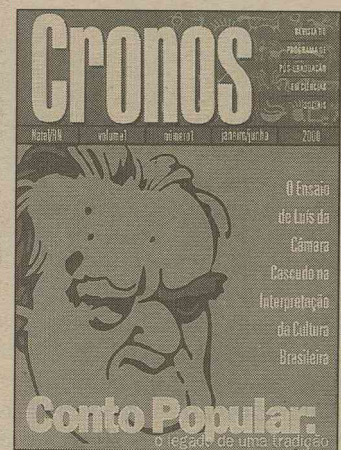
Que mensagem, então, você passaria aos jovens?

Que eles não leiam apenas obras de autores estrangeiros. Despertar o jovem pelo gosto pela leitura é despertá-lo sobre o raciocínio de si próprio, de sua condição como ser humano, e dá-lhe responsabilidade de questionar o que ele está fazendo em termos de cultura para o futuro. Cascudo foi um dos intelectuais mais ricos que eu já conheci em termos de sua abrangência de obra, mas ele não foi compreendido na sua época. Ele seria um autor que não podia faltar na universidade. Hoje, nós já encontramos uma disciplina que aborda a sua obra em Ciências Sociais e outra em História. Isso é positivo, já que há dez anos, se os alunos citassem Câmara Cascudo não teriam uma nota boa, pois ele era tido como mentiroso. E isso é dito por professores. Mas, da história, muitas coisas só compreendemos se estudarmos fatos passados. Ao ler Cascudo, ficamos sabendo quais eram os costumes, os livros e os valores que a sociedade tinha naquela época, quase todos transportados da Península Ibérica.

ORELHA DE LIVRO

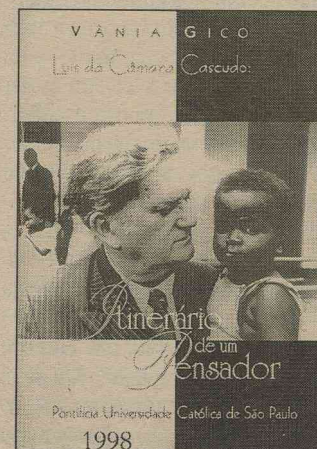
Revista Cronos
Editora: Vânia Gico
Editora da UFRN, 2000

Revista da Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. O primeiro volume abordou o pensamento cascudiano. Para isso, foram convidados estudiosos do Brasil e do exterior para escreverem artigos sobre a obra de Câmara Cascudo.



Luís da Câmara Cascudo:
Itinerário de um pensador
Vânia Gico
UFRN, Ciências Sociais, 1998

Primeira tese de Doutorado sobre o pensamento cascudiano, apresentada na PUC de São Paulo, em 1998. O trabalho discute o perfil pessoal e intelectual de Cascudo, no cenário de Natal, cidade onde ele nasceu e viveu. A tese está sendo transformada em livro, a ser publicado em março de 2006.



Luís da Câmara Cascudo:
Bibliografia comentada -
1968-1995
Vânia Gico
Editora da UFRN, 1996

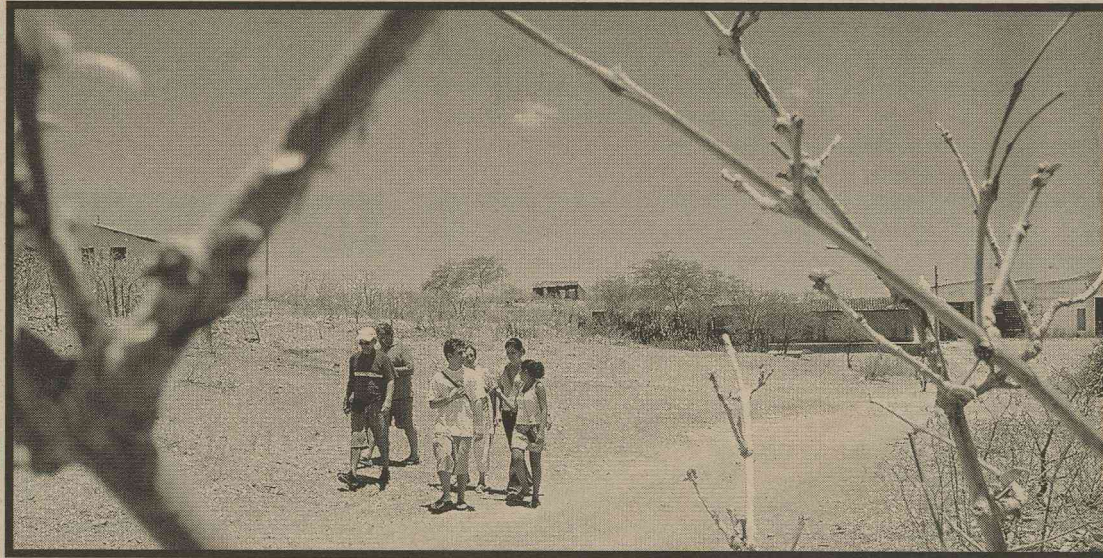
Trabalho realizado na Base de Pesquisa Cultura, Política e Educação da UFRN, que, em 1996, época do lançamento do livro, chamava-se Educação e Sociedade. A obra é resultante de uma extensa e importante pesquisa sobre a obra de Câmara Cascudo.



HOMENAGEM AO COMEMORAR 50 ANOS DA VIAGEM DE CASCUDO, O JORNALISTA
FRANKLIN JORGE REFEZ O PERCURSO EM 1984

A reconstituição no cinqüentenário

Eduardo Maia/DN/28.9.05



Em 1984, quando transcorria o cinqüentenário da publicação da série de reportagens que resultaria no livro "Viajando o Sertão", de Luís da Câmara Cascudo, o escritor e jornalista Franklin Jorge idealizou refazer o percurso que seu "mestre" fez 50 anos antes. "Pretendia que a data não passasse em branco e, ao mesmo tempo, era uma maneira de expressar minha gratidão ao meu mestre", disse. Entre os pertences levados na viagem, um exemplar do livro autografado por Cascudo, em uma letra trêmula que deixava transparecer seu estado de saúde debilitado, já aos 86 anos. O autógrafa era oferecido ao pintor Franklin Jorge que, a pedido de Dona Dália, mulher de Cascudo, havia pintado um banquinho que o folclorista descansava as pernas enquanto lia ou fumava seu charuto.

Exercendo a atividade de jornalista na época, Franklin Jorge usou dos fins de semana para conhecer os sertões que Cascudo escreveu no livro. Foram 11 meses de reconstituição dos locais citados, entre outros que o escritor quis descobrir. "O roteiro da viagem foi o pré-estabelecido por Cascudo, mas o ampliei em alguns trechos, motivado por outras leituras cascudianas. Procurei inteirar-me dos costumes locais e da existência de temas pouco explorados". Foi assim que, a caminho do Assu - município onde viveu dos dois meses de vida aos 14 anos -, em visita a velhas artesãs, como dona Luíza, descendente de africanos, Franklin Jorge descobriu a existência de um costume puramente colonial. Eram pasquins, distribuídos por debaixo das portas nas madrugadas, relatando a vida secreta da cidade. Através deles, sabia-se ao certo quem prevaricara e com quem. "Era um costume colonial que existia em toda colônia portuguesa e espanhola. E isso havia no Assu, e dona Luíza, moradora da comunidade de negros oleiros de Capunga, e que conheceu Cascudo em 1934, foi quem re-

latou o costume", disse o escritor.

Franklin Jorge conheceu dona Luíza já maior de 80 anos, mas a senhora ainda guardava boas recordações de Cascudo. "Eu costumava ouvi-la, sobretudo, a respeito do imaginário José Leão, que é citado no livro por Cascudo". Segundo Franklin, José Leão era o único homem em uma irmandade de quatro mulheres; gente muito pobre, descendente de oleiros, que viviam as gerações da Capunga. Zé Leão, famoso escultor de imagens sacras, ressalta, inspirou versos facetos de Moisés Seson que ainda continuam vivos na boca do povo. A respeito de Zé Leão, "Cascudo escreveu uma página magnífica em seu livro que sempre me comove quando a leio". No livro, Cascudo afirma ter encontrado Zé Leão, sexagenário e "fazedor de santos", em uma "casa caindo de velha e negra de velhice".

Eis um trecho do livro: "Esse José Leão, como as andorinhas, são duas fortes impressões do Açú. É o tipo do imaginário primitivo, sereno, resignado, incompreendido, passando fome, trabalhando sem esperança, sem ambiente, sem auxílio, sem estímulo, insensível e obstinado, artista legítimo, com uma intuição de escultura, um senso decorativo, um tino de moldar as fisionomias que lembra a rudeza elegante e máscula de Memling (...). José Leão, trabalhador sem reclame, escultor sem escola, artista sem nome saúdo-te em nome dos que trabalham com alma e morrem sem glória".

Em Pau dos Ferros, Franklin conheceu um antigo agricultor de nome Cassiano, já velho, que testemunhara a passagem de Cascudo pe-

la cidade. Nas lembranças do agricultor, Cascudo era "perguntador e sem besteira", e até parecia, ao seu ver, um perfeito sertanejo, embora andasse de paletó e chapéu em pleno sertão. Se o agricultor dizia que Cascudo era "perguntador e sem besteira", Franklin guarda impressões próprias de seu mestre, fruto da convivência ou "intercâmbio cultural" construído entre os anos de 1975 e 1985. "Eu suscitava os temas que me interessavam e ele discorria a respeito. Como Sócrates, ele ensinava conversando. Nesse sentido, nunca me esqueço de uma aula que me deu sobre poesia sotádica e os subterrâneos da antiguidade. Também conversávamos - entenda-se como monólogo - frequentemente sobre Baudelaire e os escritores que cometeram suicídio, tema que ainda me interessa", recorda.

Nesse sentido, nunca me esqueço de uma aula que me deu sobre poesia sotádica e os subterrâneos da antiguidade. Também conversávamos - entenda-se como monólogo - frequentemente sobre Baudelaire e os escritores que cometeram suicídio, tema que ainda me interessa", recorda.

Franklin lembra ainda de três conselhos que Cascudo lhe deu: "Ele disse para eu ser fiel ao meu

nome, numa alusão etimológica à Frank, espécie de clava usada em combate pelos gauleses e que deu origem à palavra 'francês'. O segundo foi que eu observasse tudo e tornasse a observar tudo de novo, que foi o mesmo conselho que Flaubert deu a seu discípulo. O terceiro foi que, se eu pretendesse realizar uma obra, trabalhasse sem esperar recompensa", lembra orgulhoso o jornalista. E parece que Franklin seguiu os conselhos do mestre. Com as observações da viagem elaborou um livro ainda inédito, intitulado "Cascudo em Movimento"; trabalho feito, guardado, sem esperar honrarias.

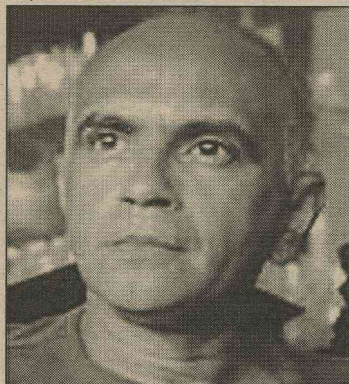
O escritor reconhece que o progresso das

últimas décadas modificou a paisagem e costumes sertanejos. "Principalmente nos últimos cinco anos houve uma transformação muito grande do mundo. Quando digo imutabilidade dos costumes do sertão me refiro à época da minha viagem. Lembro quando menino ia ao rio Açú trazer uma vasilha com areia fina do rio para arear as painéis, pra ganhar brilho. Hoje, raramente se encontra um copo de alumínio; é tudo de plástico. Em 84, conversei com muitas pessoas que faziam previsões do tempo, interpretavam sinais atmosféricos... Hoje isso é raríssimo", observa.

Sobre o mestre, Franklin Jorge disse: "A grandeza de Cascudo, como especialista em cultura popular, resulta do fato que ele não foi mero compilador de informações. Ele as analisou e interpretou tendo como base uma notável cultura humanística. Antes de tudo fez-se escritor, ou seja, como autor tinha um estilo, o inconfundível estilo cascudiano, reconhecível e identificável em uma simples linha que escrevesse. Há em tudo o que escreveu, o substrato humanístico e literário associado ao talento natural e persistência que determina a qualidade de um autor de méritos".

E o livro que abriu as portas do universo cascudiano para o escritor, que detém uma obra de 40 livros inéditos, guardados em casa, foi o Viajando o Sertão. Segundo Franklin, além de revelar o Cascudo jornalista, repórter militante que foi por toda a vida, o livro o mostra em plena ação, como pesquisador de campo, "atento a tudo e de tudo extraindo o conhecimento". "Foi através desse livro que me tornei curioso e depois aficionado por sua obra. Antes, resistira à leitura de seus livros por causa do folclore que, intelectualmente, não me interessa. Com o prelúdio, passei a ver em Cascudo o escritor literário e de fato mergulhei em seus escritos com apetite de frade", revela.

Arquivo/DN



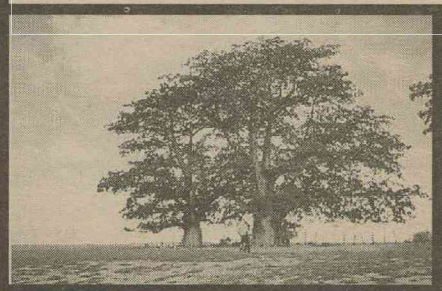
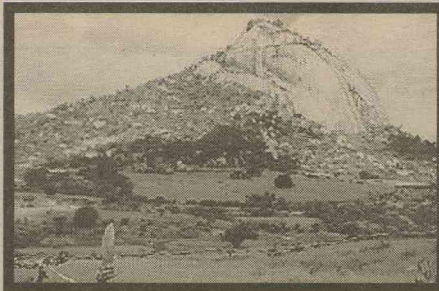
Jornalista e pintor Franklin Jorge

LEMBRANÇA EM 1999, ESCRITORA FAZ NOVAMENTE O TRAJETO DE 1934, VISITANDO 16 MUNICÍPIOS DO RN

Reencontro com o sertão perdido

Fotos: Arquivo/Clotilde Tavares

Imagens dos municípios visitados pela escritora que se deslumbrou com os sertões místicos que escondem belezas



Antes de um registro histórico ou uma visita informal aos sertões de Luís da Câmara Cascudo, a viagem que a escritora Clotilde Tavares fez pelo interior do Rio Grande do Norte, em 1999, percorrendo o mesmo trajeto do folclorista, foi um reencontro com um sertão perdido em sua memória de criança. Criada sob a educação dos valores sertanejos da mãe, a escritora afirma que reencontrou traços culturais - alimentação, vocabulário, hábitos - por onde andou. Segundo ela, nos 65 anos da viagem de Cascudo, o sertão perdeu muito de sua fisionomia. "Há mais saneamento básico, mais equipamentos de saúde, luz elétrica em todo canto... Também há mudanças ruins, influenciadas pela televisão, como o desejo de imitar a cultura das capitais, que notei, sobretudo, entre os jovens". Para melhor entender e comparar os apontamentos que Cascudo registrou na série de crônicas e reportagens que resultou no livro "Viajando o Sertão", Clotilde Tavares respeitou não só o mesmo trajeto feito pelo historiador, mas partiu e regressou de viagem nas mesmas datas também. "Procurei pernoitar nas mesmas cidades, embora fosse difícil reconstituir em detalhes o trajeto, porque as informações do livro são insuficientes", disse a escritora. E se Cascudo percorreu a maior parte dos 1.307km em um Ford velho, Clotilde fez 1.963km de percurso em um Gol, acompanhada de motorista e do fotógrafo paraibano Gustavo Moura, que exibiu as mais de 1.500 fotos tiradas da

viagem em exposições que ilustram obras sobre o Nordeste.

Clotilde Tavares afirma que encontrou "estradas muito ruins, com uma infinidade de buracos, principalmente na região mais a Oeste, quando tínhamos que progredir a 30 km/h por causa da buraqueira". A situação assemelha-se à vivida por Cascudo 65 anos antes, quando escreveu que "o Ford subisse trepidando barreiras caídas, esmagando o barro das arrietas escorregadiças, descendo, brusco, os barrancos inseguros e oscilantes". Mas, mesmo com os percalços da viagem, disse Clotilde, valeu à pena. "Não me cansei, não tive uma dor de cabeça, foram 14 dias espetaculares dos quais nunca me esquecerei". Os motivos? "A beleza da região, com sua vastidão, seu céu profundamente azul, as paisagens silenciosas e desertas, os magníficos serrotes de pedra, e o povo sertanejo, com seu falar característico, seus valores, suas histórias".

Mas as riquezas do sertão de Cascudo vão além das paisagens, das cachoeiras, casas de pedra ou grutas que a escritora foi convidada a conhecer, mas negou as gentilezas. "Dizia que preferia conhecer uma pessoa do local, com mais de 80 anos, ainda lúcida, porque se voltasse depois de 20 anos, a cachoeira, ou a gruta ainda estariam lá, mas essa pessoa provavelmente não. E me levaram a conhecer essas verdadeiras bibliotecas vivas que são as pessoas idosas, que me tomavam pela mão e me levavam pelo seu mundo de recordações. Foram os momentos mais espetaculares da minha viagem", lembra Clotilde. E foi assim

que a escritora realizou descobertas e se deslumbrou com os sertões místicos, que escondem belezas outras que não as do litoral.

"No município de Caraúbas, fiquei deslumbrada com a imponência da casa grande, da fazenda Sabe Muito, berço dos Fernandes Pimenta, residência senhorial considerada uma das maiores casas de fazenda do Estado. Com suas portas de mais de um metro de largura, paredes de sessenta e cinco centímetros de espessura e pé direito de mais de dez metros, a casa do Sabe Muito foi palco de acontecimentos políticos e sociais ligados à história de Caraúbas e guarda intacta sua grandeza, em meio ao abandono. Soube, ultimamente, que esta casa está caindo. Ouvi dizer que a Fundação José Augusto tinha um processo de tombamento em relação a esse prédio e é urgente que isso aconteça", recorda Clotilde.

Além da arquitetura dos casarios antigos, das reminiscências coloniais e barrocas, o sertão tem mais a mostrar. E foram essas novas descobertas que Clotilde encontrou no município de Lucrécia: "Em Lucrécia, ouvi histórias de Lampião contadas pelo casal José Maia e Rita Cesária. Visitei o túmulo de Francisca Sofredora, jovem e graciosa 'dama da noite', cuja história de sofrimento resgatou-a depois da morte e a elevou à condição de milagreira". Naquele município, a escritora provou também da comida sertaneja, forte como seu povo: "O melhor almoço da viagem: mocotó com bucho (dobradinha) pirão do caldo de mocotó mexido com farofa de cuscuz, arroz

de leite, feijão macassar e galinha assada".

Em Apodi, Clotilde encontrou sinais presentes da depredação da arquitetura antiga das igrejas, verdadeiros retratos do ontem, mas viu também, disse, a população unida em torno de um projeto de restauração da igreja matriz, depredada na década de 60 pelo "catolicismo burro, que não respeitou os altares e ornamentos do templo". Segundo Clotilde, a iniciativa dos habitantes teve à frente a advogada Maria Auxiliadora, a Dodora. "Graças a ela que o Lagado de Soledade está inteiro, conservado e exposto à visitação pública, já que foi essa mulher "danada de disposta" quem conseguiu sensibilizar autoridades e empresas para que juntos pudessem cuidar da preservação daquele verdadeiro tesouro a céu aberto", ressalta. E Cascudo complementa, com trechos do livro: "Seria indispensável a cadeira de Arte Religiosa Brasileira para ensinar aos nossos párocos um mais profundo amor pelos monumentos legados pelas gerações desaparecidas".

Da viagem de 14 dias, com 58 municípios atravessados e 16 municípios visitados, Clotilde Tavares pretende escrever um livro, mas, segundo ela, o trabalho como professora da UFRN impossibilitou a tarefa, no entanto, lembra: "As coisas no Rio Grande do Norte são muito difíceis e eu ando envolvida em projetos culturais na Paraíba. Mas, aparecendo um patrocínio ou condições adequadas, eu posso voltar a esse projeto, porque o texto do livro está praticamente pronto".



Escritora Clotilde Tavares



A beleza da região é o Céu profundamente azul, as paisagens silenciosas, os magníficos serrotes de pedra e o povo sertanejo com sua comida e suas histórias



AFINIDADE HISTORIADOR FALA DA PRESENÇA DA MÚSICA SERTANEJA NA OBRA LITERÁRIA DE CASCUDO

Os ritmos que embalavam a vida do sertanejo

CLÁUDIO GALVÃO
HISTORIADOR

Em inúmeras oportunidades, Câmara Cascudo referiu-se ao sertão, demonstrando a sua forte ligação cultural e emocional com a região. O seu VIAJANDO O SERTÃO (1934) é a primeira publicação documentada das inúmeras viagens que por lá disse ter feito. Sente-se nesse livro a intenção do autor de relatar e informar, de contar o que viu com olhos mais fotográficos e menos sentimentais. Já em VAQUEIROS E CANTADORES (1939), o seu objetivo é a cultura sertaneja, sentida, vivida e documentada.

No Prefácio desse livro, Cascudo confessa sua ligação emocional com o sertão. No ano da publicação estava com 41 anos e informava que ali se encontrava o que reuniu durante quinze anos; seu interesse, documental e científico pelo sertão, teria se iniciado por volta de 1924.

Mas, há a se considerar suas viagens quando criança, e o que lhe ficou na memória de uma infância sertaneja, despreocupada e livre. (Prefácio de VAQUEIROS E CANTADORES). O sertão de sua meninice estava ainda pouco invadido pela "civilização": Conheci e vivi no sertão que era das "eras" de setecentos. (idem). Vivi nesse meio. E deliciosamente. - relata mais adiante. Insistindo em sua ambientação sertaneja informa: Dezenas de vezes voltei ao sertão de quatro Estados e nunca deixei de registrar fatos, versos, "causos".

Os estudiosos de Cascudo pouco lembram as suas habilidades musicais, muitas vezes por ele referidas. Numerosas informações sobre a música no sertão se fazem presentes nas duas obras, mais tarde ampliadas no DICIONÁRIO DO FOLCLORE BRASILEIRO (1954).

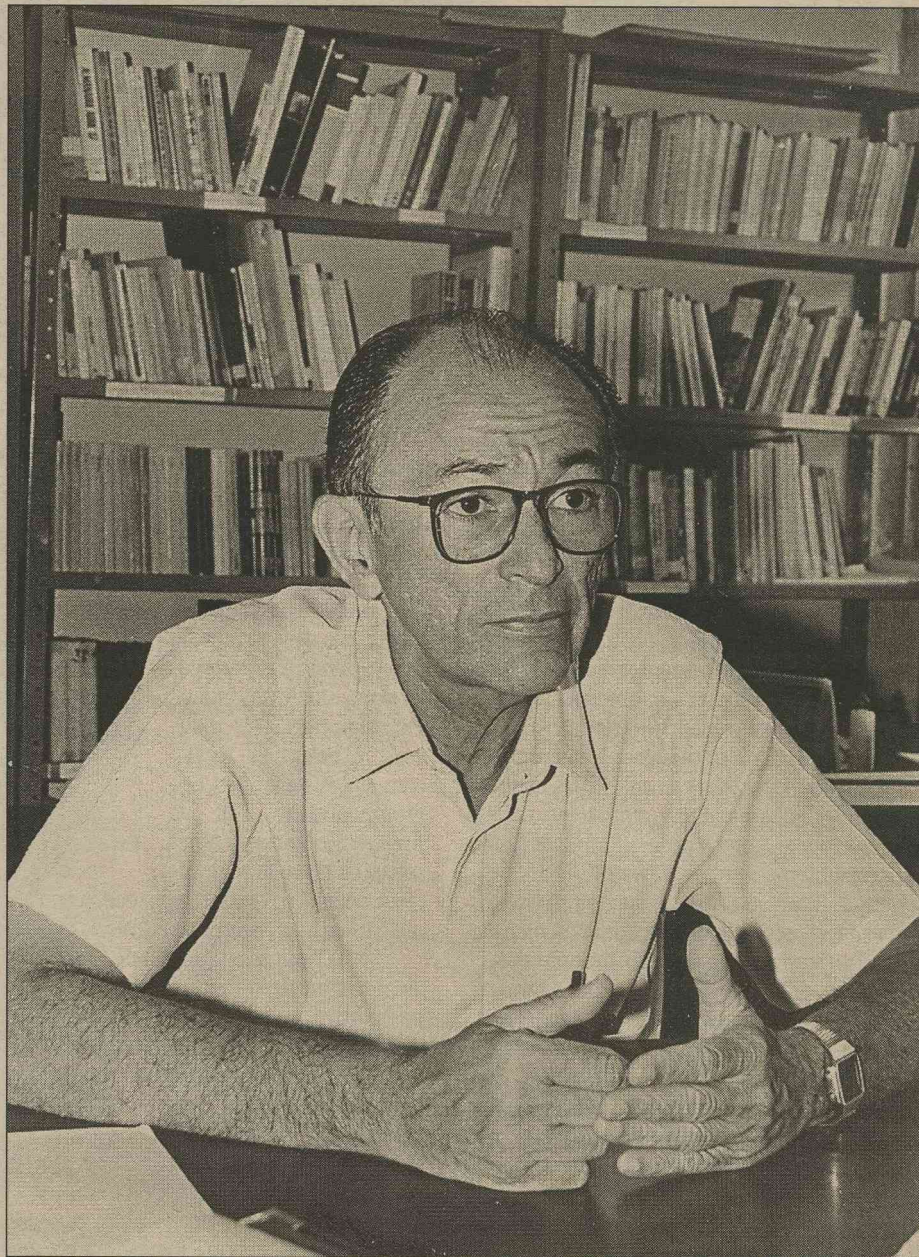
A impressão geral da música sertaneja só se pode ter ouvindo cantadores, afirma em VIAJANDO O SERTÃO. Era o que de mais autêntico e original havia visto em suas andanças. Não esqueceu de estudar o gênero das cantorias, esmiuçando a sua estrutura musical, além da já muito estudada parte literária. Finda por comentar a Decadência da "Cantoria", lamentando que o sertão perdeu seus cantadores. A vida transformou-se.

Entretanto, é em VAQUEIROS E CANTADORES que o mestre mais se expande nas observações musicais. Teve a colaboração do pianista Waldemar de Almeida para grafar musicalmente as melodias que ouvira e guardara na memória, e publica as solfas do "Boi Surubim", "Ajoelha negro", "Rojão", "Martelo", "Chapim Del-Rei" e "Xácara da Bela Infanta". Esta última foi aproveitada mais tarde, pelo próprio Waldemar de Almeida, na belíssima peça para piano "Acalanto da Bela Infanta".

As melodias sertanejas ainda não haviam sido grafadas: É o primeiro a fixar música de cantoria sertaneja em sua mais absoluta neutralidade. - afirma.

Muito mais podia o mestre ter trazido do sertão. Entretanto, as coisas eram bem difíceis naqueles tempos. Em conversa pessoal com o autor, comentou quanto trabalho deu fazer o DICIONÁRIO DO FOLCLORE BRASILEIRO apenas na base da observação pessoal e de car-

Arquivo/DN



Historiador Cláudio Galvão é pesquisador da cultura e do folclore do povo nordestino

tas pedindo informações. Imagine se tivesse à disposição o gravador de som, computador, programas para digitalizar músicas e internet!...

É graças a Câmara Cascudo que hoje se pode dispor de uma vasta gama de preciosas informações sobre o sertão do Rio Grande do Norte, colhidas vivas e frescas, ainda trazendo o sabor incomparável do fruto colhido na árvore.

E isso só podia ser feito VIAJANDO O SERTÃO.

Cascudo, um militante convicto

A militância política integralista de Luís da Câmara Cascudo é um dos pontos mais controversos na história desse grande folclorista brasileiro e maior intelectual potiguar. É, inclusive, um momento de sua vida que tem sido abordado com muita timidez por historiadores e analistas de sua obra. Quando escreveu *Viajando o Sertão*, em 1934, Cascudo vivia o auge dessa militância política e, de alguma forma, sofreu influências políticas.

A exemplo de outros importantes intelectuais potiguares que também militavam na Ação Integralista, entre eles Otto Guerra, muito ligado à Igreja Católica e Manoel Rodrigues de Melo, Cascudo era militante ativo, chegando a ser dirigente estadual da AIB (Ação Integralista Brasileira - AIB), partido político de direita, de caráter fascista, dirigido por Plínio Salgado. Mas, de acordo com o professor da UFRN, José Antônio Spinelli, não é o caso de se incriminar nem desculpar Cascudo por sua identificação com um movimento de extrema-direita. "O fato é que ele militou, foi dirigente e isso faz parte da história", disse.

A AIB potiguar não jogou um papel importante na competição política local. Os integralistas não foram incomodados pelas autoridades estaduais, sendo até discretamente tolerados (Dr. Otto Guerra, um dos militantes, era secretário do interventor Mário Câmara), além de terem certo apoio dos "coronéis" do Seridó. A Igreja Católica também mantinha com eles uma relação muito amigável, a ponto de líderes católicos leigos, e até padres, serem militantes da agremiação. Foram integralistas os professores Ulisses de Góis e Francisco Vêras Bezerra, o maestro Felinto Lúcio, o advogado Miguel Seabra Fagundes e o padre Walfredo Gurgel. Por outro lado, seus principais adversários políticos, os comunistas, eram mantidos na ilegalidade e sofriam tenaz repressão policial.

No livro *"Getúlio Vargas e a oligarquia potiguar (1930-35)"*, o escritor José Antônio Spinelli identifica muito bem a Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada por Plínio Salgado no ano de 1932, em São Paulo:

"Era expressão organizativa de um movimento político e cultural de extrema direita, profundamente anticomunista e influenciado pelas ideologias fascistas em ascensão na Europa. Segundo Robert Levine, o culto do passado nacional, a concepção do país como ente orgânico, a pregação de uma ordem política autoritária, a adesão a um elaborado ritual e a fidelidade sem limites ao chefe nacional caracterizavam o integralismo. Assim como o fascismo europeu, o integralismo procurava se apresentar como uma "terceira via", fazendo da crítica às tradições liberais e ao comunismo seu *leitmotiv*, e pretendendo afirmar sobretudo os interesses da "nação" (como entidade mítica) e dos valores tradicionais: Deus, pátria e família". A AIB se diferenciava dos partidos tradicionais por ter um caráter nacional, de massas e mobilizador. Segundo M. Cecília S. Forjaz, seu discurso era dirigido à classe média, buscando manipular o medo representado pelo crescimento do movimento operário e do PCB nos anos trinta".

A POLÍTICA NO RN NOS ANOS 30

Os anos 30 do século 20, no Rio Grande do Norte, são marcados pelas mudanças políticas que ocorriam no país, advindas do movimento revolucionário de 1930, liderado por Vargas, Oswaldo Aranha, Baptista Luzardo, João Neves da Fontoura, o general Góes Monteiro e muitos outros. No Nordeste, destacam-se o tenente Juarez Távora e Juraci Magalhães (Bahia), Carlos de Lima Cavalcanti (Pernambuco), entre outros. No Rio Grande do Norte, a Revolução põe fim, temporariamente, ao domínio da oligarquia do Seridó, a qual tinha como principais expoentes o então governador Juvenal Lamartine, deposto pelo 29º Batalhão de Caçadores do Exército, o senador (e ex-governador) José Augusto, sua liderança mais importante, além de homens como Cristóvão Dantas, Eloy de Souza e Joaquim Ignácio.

Inicia-se então o período das interventorias. São homens designados por Vargas, fora dos quadros políticos locais, geralmente militares de es-

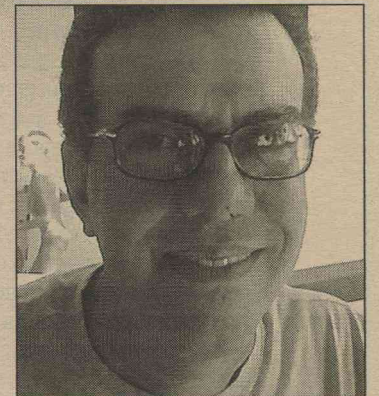
calão médio, com exceção do primeiro, o civil paraibano Irineu Joffily. "Tenentes" se sucederam no poder interventorial até 1933: o tenente do Exército Aluizio Moura, que prendeu Café Filho e foi obrigado pelo tenente Ernesto Geisel (presidente da República no regime militar, de 1974-1979) a soltá-lo, o capitão da Marinha Hercolino Cascudo, que era socialista e estimulava a organização sindical, mas não quis aproximação com Café, o também capitão da Marinha Bertino Dutra, que foi derrotado nas eleições constituintes de 1933 pelo grupo de José Augusto e Lamartine.

TURBULÊNCIA

Depois das eleições, Vargas, querendo se recompor no Estado com as antigas lideranças derrotadas, indica civis para as interventorias. Inaugura-se o período interventorial de Mário Leopoldo Raposo da Câmara, filho do advogado Augusto Leopoldo, que havia sido vice-governador do Estado. Mário Câmara se aproxima de José Augusto e compõe-se com Café Filho, iniciando um dos períodos mais violentos de luta política da história do RN, com grande repressão policial da interventoria e reação por parte dos políticos do Partido Popular (o partido de José Augusto).

Mário Câmara usa o aparato da interventoria para prender adversários, fechar jornais e executar grandes batidas policiais, numa das quais é assassinado o agrônomo Otávio Lamartine, filho do ex-governador Lamartine. Apesar disso, perde as eleições para Rafael Fernandes Gurjão, do grupo de José Augusto, Juvenal Lamartine, Dinarte Mariz e Eloy de Souza. Alguns movimentos armados ocorrem no período: o do "coronel" Baltazar Meireles, na região Oeste do Estado e a rebelião comunista de novembro de 1935, já no governo Rafael Fernandes. Mas, segundo relata o professor José Antônio Spinelli, apesar da turbulência política, essa época foi marcada pelo crescimento da economia, impulsionado por um novo "boom" do algodão no mercado nacional e no externo e pelo crescimento da produção e exportação do sal.

Arquivo/DN



Escritor José Antônio Spinelli

Fotos: Eduardo Maia/DN/27.10.05

ANÁLISE EXPEDIÇÃO CONSTATA AVANÇOS E PROBLEMAS DO RN

Um sertão pobre com pedaços de desenvolvimento

FRANCISCO FRANCESLE
EDITOR DO SUPLEMENTO

Muita coisa mudou nesses 71 anos de Viajando o Sertão. A viagem, que durou 14 dias trilhando os caminhos tortuosos e estradas meramente carroçáveis num Ford velho, um dos poucos automóveis existentes na época, desta vez foi de apenas três dias. As estradas e os automóveis não são os mesmos, as escolas inauguradas pela comitiva do então interventor Mário Câmara, também cresceram e já fazem parte do histórico escolar e do dia a dia da grande maioria dos habitantes daquelas cidades. A energia, não é mais de candeeiro, o fogo, não é mais de lenha, nem a carvão, a água já não chega nas costas do animal e as comunicações não mais vêm a cavalo, possuem um meio bem mais rápido: o e-mail.

É a tecnologia chegando ao sertão do Rio Grande do Norte, apesar das muitas trilhas que os governos insistem em chamar de estradas e antes mesmo da energia elétrica de Paulo Afonso dar o 'ar de sua graça' que muitos sertanejos esperam desde a década de 60. O que prova que, apesar de todo o avanço tecnológico e energético, o Rio Grande do Norte, que se orgulha em

ser o maior produtor de petróleo, em terra no país, continua o mesmo de quando foi reconhecido por Cascudo: um dos menores e menos desenvolvidos estados da Federação.

Esse paradoxo, com suas coincidências e diferenças, pôde ser constatado pela caravana de professores e estudantes que refizeram a viagem de Câmara Cascudo. De acordo com o professor Edilson Alves, do Departamento de Geografia da UFRN, as transformações maiores foram do ponto de vista sócio-econômico. O Rio Grande do Norte, naquela época, possuía 42 municípios, era um estado onde o acesso a esses municípios era bastante precário.

Em 1934, a geografia do estado era bastante diferente do que é hoje, em termos paisagísticos. Naquela época, tinha uma economia essencialmente agrícola que hoje está muito diversificada. Apesar da agricultura ainda ser importante para nossa economia, bem como a extração do sal, hoje existe uma economias voltadas para exportação, principalmente nas regiões do Vale do Açu, Serrana e de Mossoró. Além da exploração de petróleo em toda região do Oeste e do Vale do Açu. Nesse período, a exploração do sal também se modernizou, apesar da decadência da indústria salineira.

Do ponto de vista urbano, houve mudanças porque a população dos municípios visitados era situada no campo, pouca gente nas cidades e vilas. A escola daquela época eram os prédios mais importantes dessas comunidades. Hoje, a população está se concentrando mais na zona urbana do que na rural.

No que se refere à circulação, as estradas que não existiam naquela época hoje estão em grande quantidade, embora ainda sejam precárias, devido a falta de conservação. "No aspecto social, existem ganhos significativos. Hoje temos mais assistência, mas a pobreza ainda é muito presente, pudemos ver isso em vários trechos durante a viagem. O Estado já avançou tanto, mas como a economia é concentradora não possibilita uma melhor distribuição", disse o professor Edilson.

Na viagem não deu para constatar dados sobre a educação, mas existe muita carência de escola e professores. "Em Luiz Gomes presenciamos o descaso do Poder Público ao transportar crianças na faixa etária de 8 aos 12 anos, em cima de uma camioneta, sem sequer um banquinho para sentarem, transgredindo todas as normas de transporte escolar", relata.

Para Edilson Alves, a prática da ambulancioterapia é muito presente no Estado, devido os municípios não atenderem seus

doentes, preferindo mandar para o Hospital Walfredo Gurgel ou Trancredo Neves em Mossoró". Mas ressaltou o município de Pau dos Ferros que consegue se destacar entre os visitados por sua infra-estrutura.

A comunicação é uma das áreas em que, certamente, houve maiores mudanças no decorrer dos anos. Na década de 30, o meio mais comum era a carta e o telégrafo. Em todo percurso, os visitantes tiveram acesso à telefonia. Em muitos municípios chega o sinal da televisão aberta e a TV a cabo, mas percebemos que o jornal impresso chega em todos esses lugares.

Além da antena parabólica que está nos lugares mais distantes e, às vezes, em meio ao matagal, e até em verdadeiros casebres. Daí percebe-se que a necessidade de comunicação é muito grande e que o mundo realmente vai se globalizando. "Outro ponto interessante foi a presença da Internet em várias escolas por onde passamos, mostrando que o interior do RN também está interligado com o mundo. Até mesmo em casinhas de pé de serra, fala-se da existência de computador alimentado por baterias.

Já a política, na visão do professor Edilson Alves, continua a mesma, apesar da legislação ter melhorado. É proibido no pa-

pel, mas a prática é bem diferente. O que se percebe é que, no interior, há a conservação da política do "coronelismo", com a hegemonia partidária e mini-oligarquias. Em geral, as cidades são dominadas por prefeitos de uma mesma família. "As vezes, o marido fica duas vezes no cargo e depois elege outro parente. Outras vezes, o marido dirige uma cidade e a esposa a cidade vizinha".

A CONSCIÊNCIA DE CIDADANIA MELHOROU

Mas no que se refere à consciência de cidadania, essa melhorou, devido o acesso aos diversos meios de comunicação. Ainda percebemos um conformismo muito grande. Mas isso é próprio do país. "No interior existe a consciência das questões de ordem política e da importância da cidadania, mas não existem lideranças populares que talvez tentem mudar esse quadro a não ser os políticos tradicionais que se aproveitam dessa inércia da população e agem dando paliativos para resolver problemas ligados à saúde, à educação e, na verdade, as grandes questões sociais ficam em segundo plano".

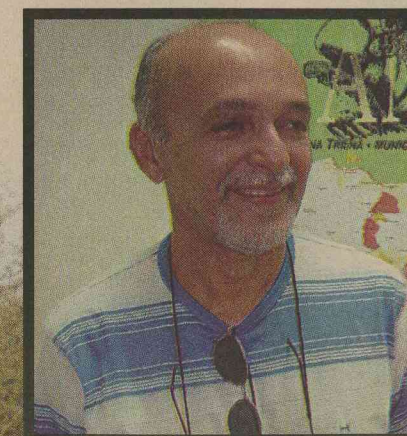
Um dos fenômenos naturais que mais afetavam o interior

do estado nos anos 30 era a seca, que ao longo dos anos provocou o êxodo rural. Apesar de continuar existindo, há a consciência de que a seca não é o principal motivo desta migração. "O Rio Grande do Norte hoje não sofre seca com escassez crônica. Nosso estado é hoje um dos estados mais bem servido de adutoras, levando água para praticamente todos os municípios. A água para beber existe e como o estado não é mais tão dependente da agricultura porque existem várias economias novas que não precisam de água na chuva, porque existem os reservatórios, a seca deixou de ser um grande problema.

Durante a viagem percebeu-se o potencial turístico enorme para a interiorização do turismo no estado, devido sua diversidade paisagística, as regiões serranas, que dão margem a diversas modalidades turísticas, montanhismo, prática de esportes radicais. Um exemplo é o município de Portalegre que tem investido e conseguido explorar bem seu aspecto climático e paisagístico como gerador de divisas. A região de Mossoró é outro exemplo que consegue capitalizar bem sua história, imortalizando heróis e datas comemorativas, é uma cidade bonita e cheia de equipamentos urbanos modernos e com uma enorme tendência a crescer



O interior convive com belas paisagens que poderiam se transformar em roteiros turísticos e outras imagens lamentáveis como esta camioneta, movida a gás de cozinha e sem a mínima segurança para fazer o transporte escolar



O professor da UFRN, Edilson Alves, destaca a contradição do petróleo com a seca do sertão



EXPERIÊNCIA ESTUDANTES PARTICIPAM, PELA PRIMEIRA VEZ, DE PASSEIO EXTRA-CLASSE

A primeira grande viagem

Eduardo Maia/DN/28.10.05



A professora Salizete Freire, coordenadora responsável pelas escolas da rede Estadual, ao lado da professora Viltany, das três estudantes do Ensino Fundamental e de Sílvia Souza, da SECD

Oferecer a oportunidade de conhecer as cidades do Rio Grande do Norte. Esta foi a importância priorizada pela Escola Estadual Stella Wanderley, que esteve representada na expedição por uma professora e três estudantes do Ensino Fundamental. Em meio à expedição, outros fatores somaram-se, como troca de experiências e observação, contribuindo ainda mais no propósito de formação integral.

De acordo com Viltany Freitas, professora de História, os momentos se constituíram em uma novidade muito interessante, tanto para os alunos, quanto para si mesma. "O último passeio de campo realizado foi para a Barreira do Inferno, há alguns anos". E complementou: "A aula de História é muito monótona, e quando se dá essa visão in loco, os alunos conseguem compreender fatos que os livros não conseguem explicar".

Para dar continuidade ao aprendizado adquirido nos três dias de expedição, os estudantes já estão realizando um trabalho através de pesquisa bibliográfica, contando a história das cidades visitadas. "Após ter tido todo um contato visual e in loco, os alunos passam a assimilar com mais facilidade os conteúdos vistos em sala de aula".

Na mesma opinião das estudantes que participaram da viagem, Viltany destaca a visita a Alexandria. "Fomos recepcionados pelo Secretario de Turismo, que nos contou a história da cidade. Foi um impressionante resgate histórico".

Questionada sobre Câmara Cascudo e sua atuação como Historiador, a professora Viltany diz que, nesta viagem, ele foi um coadjuvante, além de que se destaca muito como folclorista. "Embora ele seja de suma importância, recebeu muitas críticas como historiador, mas não deixa de ser uma referência bibliográfica", disse, enfatizando que é importante abordá-lo em sala de aula, resgatando suas obras. "É importante abordar Câmara Cascudo, e ele é abordado na escola. No meu caso, foi estudado projetos, análise da historiografia e resgate da vida. A professora de Geografia, no entanto, levanta o resgate do sertão".

Segundo ela, existem alguns livros do folclorista na biblioteca da escola, mas todos na área do folclore e um de sua viagem à África. "Não há obra historiográfica, e creio que não seria interessante, até porque ele não citava as referências bibliográficas, além de que romaneava muito a história", disse.

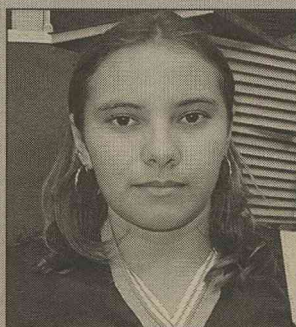
No entanto, Viltany destaca a importância do projeto, e diz que passeios como esse só levam o aluno a pensar, raciocinar e criticar. "É uma maneira muito prazerosa de formar o cidadão, capaz de decidir e desenvolver valores", finalizou.

Fotos: Adriana Amorim/DN/8.11.05



Estou há pouco tempo no Rio Grande do Norte, e não conhecia a cultura, os costumes, e por meio desta viagem pude conhecer os lugares e o modo de vida das pessoas. Sobre Cascudo, vi que ele era um historiador influente. Ao estudar as cidades, tive uma visão mais ampliada dos detalhes. Uma aula prática aprofunda os assuntos abordados em sala de aula.

Priscila Vasconcelos, 14 anos - 8ª série



Achei a viagem muito interessante, apesar de ter sido muito rápida e de não ter dado para conhecer de fato o que Cascudo representou em cada cidade. Eu já conhecia alguns locais, mas foi interessante conhecer outros. Como sempre vivi no interior, não foi muita novidade ver a seca, os costumes do sertão, mas a viagem foi muito proveitosa. Apreendi muito.

Maria Santana Braga, 19 anos - 8ª série



Além de conhecer a participação de Cascudo naquela época, observamos as diferentes culturas e outras coisas antes não vistas, como a vegetação e o clima. Nas cidades, deu para observar as diferenças de cada uma, apesar da correria. Alexandria foi a cidade mais interessante, pois eu fiquei conhecendo a sua história na hora.

Anna Cristiane do Nascimento, 15 anos - 7ª série

APRENDIZADO ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DIZEM QUE AULA DE CAMPO FOI MARCANTE

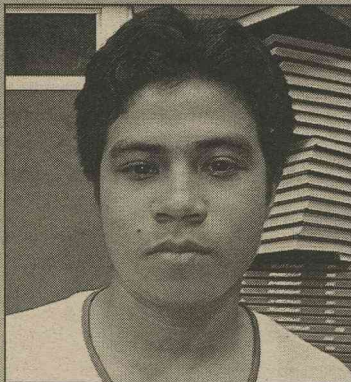
Além da sala de aula

Eduardo Maia/DN/28.10.05



Os professores Izamar Azevedo e Edróbledo José entre os estudantes de Ensino Médio da Escola Estadual Francisco Ivo Cavalcanti

Fotos: Adriana Amorim/DN/8.11.05



“ Nós conseguimos observar os pontos que nós conhecíamos por livros e revistas. Ao estarmos no local, conseguimos aprender melhor, fixar os conteúdos de Geografia e História, além de conhecer a realidade das pessoas. Tudo isso foi importante para o nosso desenvolvimento intelectual. Me senti no lugar daquelas pessoas, já que lá, eles têm dificuldades em adquirir água, de se locomover. Um ponto importante foi o amor entre as pessoas. Em Luiz Gomes, percebemos a relação fraterna entre elas. Em Pau dos Ferros, fomos recebidos com muita festa, e percebemos o quanto eles estavam felizes em nos receber. Estudar livros geralmente cansa a mente. Só em não estar visualizando aquelas letras, e sim os fatos e a realidade, faz com que não esqueçamos. A prática jamais será esquecida, principalmente se você já leu algo relacionado sobre o assunto.

Lucas Ramos da Costa, 17 anos - 2ª série

Ao contrário do que acontece na Escola Estadual Stella Wanderley, viagens de campo não são novidades para os alunos da Escola Estadual Francisco Ivo Cavalcanti, de Ensino Médio, que, mesmo enfrentando uma série de dificuldades, proporciona passeios extra-sala de aula há dez anos. No entanto, nenhum momento foi tão rico como o "Viajando o Sertão de Novo", que, na opinião do professor Izamar Azevedo, que leciona História, a expedição integrou diversas disciplinas, abrindo um leque de conhecimentos capaz de sintetizar e concretizar de maneira prática todos os conteúdos já vistos em sala de aula.

Representada por dois professores, sendo o outro de Geografia, além de dez estudantes, a escola partiu em busca de descobertas tanto sobre Câmara Cascudo, quanto sobre a arquitetura, história dos municípios, flora e fauna. "Tivemos a preocupação para que eles prestassem atenção na arquitetura das cidades e ver o levantamento histórico dos municípios".

Porém, segundo Izamar, a expedição ficou muito centralizada em Cascudo, "quando, na verdade, o roteiro foi feito por um grupo de pessoas", enfatizando que houve uma valorização exagerada do folclorista. Mas, a nível de aprendizado, o professor diz que foi uma riqueza incomparável, tendo unido prática e teoria de uma maneira equilibrada. "Foi uma coisa fantástica! Teve aluno que disse ter aprendido em dois dias o que não aprendeu em três anos".

Para Izamar, um dos pontos fortes do passeio foi a questão da fraternidade entre pessoas do interior, por meio de uma relação humana dificilmente encontrada nos grandes centros. "Apesar de todas as dificuldades, é uma regra que não encontra exceção. O aluno encontra-se atrasado com esse tipo de atividade. Houve integração total entre os participantes, numa troca de experiências muito importante".

O estudante Jamilson Simões, de 17 anos, e que cursa a 3ª série, diz que, em todos os aspectos, os participantes foram orientados para que pudessem obter um conhecimen-

to maior sobre Cascudo e sobre aspectos políticos, históricos e geográficos da região. "Obtive um conhecimento maior do estado em que moro. Sinto-me muito grato pela oportunidade", disse, complementando ter sido em Malhada Vermelha, Distrito de Severiano Melo, um dos momentos mais marcantes. "Conheci Dona Bembém, que nos contou boa parte da história da região".

A coordenadora responsável pelas escolas da rede Estadual de Educação, Salizete Freire Soares, também destacou a importância do projeto, dizendo ter sido uma verdadeira aula extra-classe. "A dimensão foi além do que imaginávamos. Os alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio, e ainda mais de escolas públicas, tiveram a oportunidade de esta em contato com os nativos do sertão e peculiaridades que jamais viriam na sala de aula", disse.

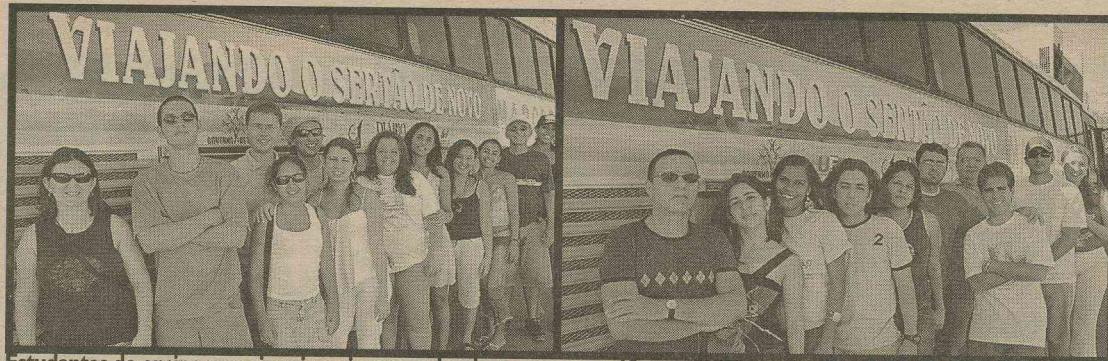


O estudante Jamilson Simões

AULA DE CAMPO ESTUDANTES DA UFRN ESTUDAM ESPAÇO GEOGRÁFICO DURANTE VIAGEM AO INTERIOR

Um olhar sobre as paisagens

Fotos: Eduardo Maia/DN/28.10.05



Estudantes do ensino superior vivenciaram aulas de espaço geográfico, mapeando o interior do Rio Grande do Norte

Conhecer de perto aspectos históricos, climáticos, geomorfológicos, hidrográficos e sociais, além de ampliar os conhecimentos daquele que tanto contribuiu para contar para as futuras gerações o que o passado representou: Luís da Câmara Cascudo. Assim foi a expedição 'Viajando o Sertão de Novo' para estudantes e professores do Ensino Superior, representado por cerca de dez alunos dos cursos de Geografia e História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e nove do curso Licenciatura Plena em Geografia, do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-RN).

Do ponto de vista acadêmico, segundo o professor Edilson Alves de Carvalho, do Departamento de Geografia da UFRN, levar estudantes de Ensino Superior para fazer esse percurso é importante porque não se pode conceber um ensino de Geografia, por exemplo, em que o estudante não conheça e nem tenha contato com o espaço. "O aluno consegue distinguir claramente as diferentes paisagens e isso é importante para comprovar

Professora Vânia Gico, ao lado, alunos de Ciências Sociais



muitas teorias que são repassadas em sala de aula".

Já do ponto de vista do estudante que se preocupa mais com a geografia humana, Edilson diz que ele vai se relacionar mais com os aspectos econômicos e urbanos. "Ele pôde vivenciar as cidades e as transformações que têm ocorrido no campo e nas cidades, o processo de urbanização que tem sido muito intenso nos últimos anos e nas últimas décadas", disse.

Dessa forma, o professor acredita que o percurso foi extremamente importante para conhecer o interior do Estado e sua cultura, "até porque a UFRN ainda tem muita dificuldade de realizar as aulas de campo, que acabam se tornando caras".

Edilson Alves, especialista em Cartografia, ou seja, na leitura e interpretação de mapas, enfatiza seus estudos na área, e diz que, no seu caso específico, vem fazendo um trabalho de representação do espaço do Rio Grande do Norte, através de uma maquete. "Pude passar por diversos lugares que estou mapeando e pude, de certa forma, vivenciar-los e verificar o relevo que estou representando".

Da mesma forma pensa Levi Rodrigues de Miranda, professor de Geografia do CEFET, levantando a questão do sertão e

como ele se apresenta. "Os alunos puderam vivenciar essa paisagem geográfica, o que foi de suma importância. Agora, eles podem falar desses aspectos porque eles vivenciaram, e vão repassar toda a experiência e tirar suas próprias conclusões".

Levi destacou, também, a importância do resgate da obra de Cascudo. "Além de folclorista, ele é um geógrafo nato. Em seus textos, ele descreve as paisagens, a cultura, o clima, tudo numa riqueza imensa de detalhes, levando o leitor a imaginar a época.

Posso dizer que nós seguimos o rastro deixado por Câmara Cascudo. Ele foi na frente e nós seguimos atrás".

Dessa maneira, o professor diz que a viagem teve um efeito multiplicador, além de que teve o propósito de divulgar o Estado e o próprio Cascudo. "Percebi que os nativos das cidades visitadas sentiram orgulho de falar da importância do folclorista. Quando se populariza a vida dele, o acesso passa a ser mais fácil, incentivando a sua leitura".

RELEMBRANDO O PASSADO

Única representante do curso de História da UFRN, Alonne Toscano, de 19 anos, diz que houve algumas contradições e diversidades encontradas na viagem, levando-a a refletir e buscar sempre outras experiências como essa, onde a felicidade e a simplicidade se chocam com as péssimas condições de alguns dos locais visitados e de outros lugares por onde passamos na estrada. "Algumas observações e descobertas valiosas ficarão conosco durante muito tempo e continuarão a ser lembradas graças àquela gente (memória) e também de outros tipos de documentos (material)", disse.

Arquivo/DN



A visão que tive da paisagem durante o nosso percurso parecia-me mais dolorosa do que aquela retratada pelos livros que acompanharam a minha vida acadêmica até então. A maior lição acadêmica que fica é a confirmação de que, sem a prática, a vivência, o olhar ou o toque sobre o objeto de estudo, a teoria que estudamos enclausurados nas paredes da faculdade transformam-se em "palavras ocas".

Roberto Fernando de Amorim Júnior, 25 anos
6º semestre de Licenciatura Plena em Geografia - CEFET-RN

Fotos: Adriana Amorim/DN/8.11.05



Tive a chance de sair da academia e aplicar o conhecimento teórico na prática e perceber a dor de quem vive em uma terra seca e, ao mesmo tempo, a esperança que essas pessoas têm em dias melhores que estão por vir dos céus com as chuvas. Ao refazer o trajeto feito por Cascudo, pude mapear a educação no interior e enxergar as dificuldades que enfrentam os professores e alunos.

Tiago Gonçalves Sousa de Melo, 22 anos
6º semestre de Licenciatura Plena em Geografia - CEFET-RN



A viagem foi de extrema importância para minha vida acadêmica e pessoal, porque vimos 'in loco' a transformação dos diversos ecossistemas do Rio Grande do Norte, a questão do crescimento dos municípios, o porte das cidades e sua participação no desenvolvimento do Estado, através das diversas atividades econômicas".

Ana Beatriz Sandra Maciel, 20 anos
6º período de Geografia UFRN



A experiência foi boa porque vivemos realmente o seco e a vida do sertanejo. Foi importante não apenas para minha vida acadêmica, mas também pessoal. Percebi que em meio a tanta diversidade, há cidades com muitas nuances de desenvolvimento, além de que há cidades que têm quarteirões com todas as casas com parabólicas.

Ana Carolina da Silva, 25 anos
6º período de Geografia UFRN

RESGATE REPORTAGEM DESCOBRE PERSONAGENS QUE VIVENCIARAM A EXPERIÊNCIA DE CASCUDO

Descobrimo Memórias Vivas

Na senda da história, várias ramificações de vidas ilustres, muitas vezes contadas por livros, que simbolizam viagens através dos tempos. Porém, muito mais instigante é poder reviver uma história antiga por meio de palavras que trazem no tom da voz o peso da idade. "Viajando o Sertão de Novo" proporcionou, também, a

descoberta de valiosas memórias vivas, que fizeram parte da história, principalmente nos idos dos anos 1930, relembrando até mesmo a passagem da comitiva liderada pelo Interventor Federal Mário Câmara. Saber que aqui existem exemplos de personalidades capazes de expandir sensibilidade nos corações é salutar.

Arquivo/IDEAR



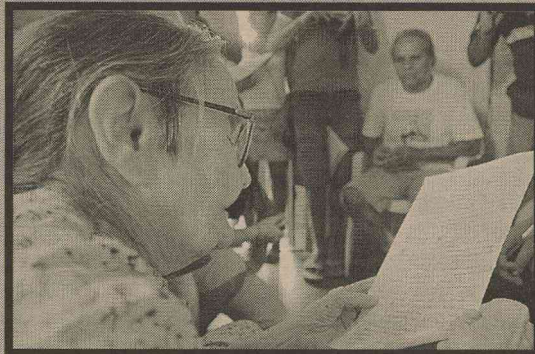
Em Assu, o Centro Artístico Operário Açuense, visitado pela comitiva naquele ano, hoje funciona um curso de judô. Perto dali, encontramos o Sr. Hermes Torquato de Freitas Rego, 93 anos, que nos informou que o Centro passou a chamar-se Liga Operária Açuense, em 1944. Afirmou, também, conhecer o Professor José Willington Germano, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, quando era criança, e morava nas terras do Vale do Açu.

Eduardo Maia/DN/28.10.05



Em Paraú. Rita Carlos Gondim de França, bisneta de Luís Gondim, administrou a Escola Estadual Luís Gondim por 28 anos, desde a sua inauguração, em 1934, na qual esteve presente Câmara Cascudo. Em 1º de maio de 1968, foi nomeada diretora, permanecendo mais quatro anos, até o seu fechamento, fato ocorrido há pouco mais de quatro meses, deixando sem estudos mais de 400 alunos. De acordo com a professora, o prédio está prestes a cair. "Sinto uma dor profunda", lamenta.

Eduardo Maia/DN/28.10.05



Arquivo/IDEAR



Ainda em Assu, encontramos o Sr. Hermes Epaminondas Silveira, 84 anos, ex-agricultor, que nos disse que os profissionais da agricultura frequentavam a Liga Operária, faziam cursos lá, aprendendo coisas do ofício.

Em Malhada Vermelha, distrito de Severiano Melo, encontramos Francisca Segunda de Oliveira, mais conhecida por "Dona Bembém". Aos 88 anos, ela se inspira no que se vê "para escrever a palavra certa", e vem redigindo, à mão, um livro sobre a origem de Malhada Vermelha. É ex-aluna e ex-professora da Escola Rudimentar Mista, em 1928, depois foi Escola Reunida e hoje é Escola Estadual Isolada, reinaugurada na presença de Câmara Cascudo, em 1934. Dona de uma excelente memória, ela diz: "Vou contar uma história muito bonita da minha cartilha que conservo até hoje na memória..."

*Ofélia já está no Grupo Escolar
Ela já sabe ler, escrever e cantar
Hoje ela teve uma lição de geografia
Sabem vocês como foi a lição?
Primeiro o professor mostrou o Globo de geografia.
Mostrou-lhe os mares e os continentes
Ofélia está com o globinho na mão
Ela mostra a Hipólito onde fica o Brasil
Hipólito fica muito alegre e diz: "Vamos ao quadro negro"
Vou escrever no quadro a carta do Brasil
Como o Brasil é grande!
Viva nossa pátria!
Viva o Brasil!*

Eduardo Maia/DN/28.10.05



Em Luís Gomes, descobrimos Seu Chico, de 86 anos. Comentando sobre a Escola Estadual Coronel Fernandes, inaugurada durante a expedição de 1934, ele diz que "a escola era nesse grupo véi que tem os vereadores. Cascudo veio nesses carros véi que tinha umas rodas assim... Era novidade", ressaltando que o povo havia ido mesmo para ver aquilo. "O povo ficava tudo na carreira". Questionado sobre suas impressões de Câmara Cascudo, ele diz: "Era um moreno, meio alto, muito conversador". Sobre sua profissão do passado, ele diz ter sido 'mandado'. "Passava recado de políticos, correndo atrás de boi. Trabalhei com minha gente".

Arquivo/DN



Detalhes singulares das escolas visitadas

SÉRGIO VILAR
DA EQUIPE DO DIÁRIO DE NATAL

A intenção da excursão liderada pelo interventor Mário Câmara pelo interior do Estado foi retratar, além da situação educacional no sertão potiguar, traçar também um perfil da região. Por isso, a comitiva foi composta por técnicos não só em educação, mas também em agricultura e açudagem, além de um escritor de renome capaz de ver com olhos voltados para o futuro os grandes problemas artísticos e culturais do Estado. Esse escritor foi Luís da Câmara Cascudo. A série de reportagens e crônicas sobre a viagem, que resultou em seu livro "Viajando o Sertão", aborda não somente 15 escolas visitadas e inauguradas durante a passagem da comitiva pelos municípios, mas também detalhes singulares destes grupos escolares.

Foi assim na visita que a comitiva fez, em 1934, ao então Colégio de Nossa Senhora das Vitórias, em Assu. O Colégio foi inaugurado em 9 de março de 1927, sete anos antes da visita do interventor e seus auxiliares. Nos escritos de Cascudo, os elogios à disciplina e receptividade à comitiva que chegara na cidade: "Pela manhã tivemos a linda festa do Colégio de Nossa Senhora das Vitórias. A vitória maior é viverem aquelas freiras ilustres, quase todas nórdicas num clima ardente como o do Assu. O colégio é uma maravilha de ordem, disciplina, rendimento educacional e beleza de espírito. Sente-se que ali se trabalha para receber no outro Mundo paga maior".

Se as características nórdicas das "freiras ilustres" existe hoje, o compromisso com a educação e disciplina do Educandário permanece. Em seu espaço de paredes suaves, o Educandário mantém em funcionamento hoje os cursos de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Pré-Vestibular. Sua comunidade educativa é formada por Religiosas Filhas do Amor Divino e profissionais leigos, habilitados às funções que exercem, numa ação conjunta, que contribui para "unir numa síntese harmoniosa o Evangelho, a cultura, a fé e a vida", explica a Diretora-Presidente, Irmã Marli Araújo da Silva. A fundação do Colégio foi fruto do trabalho das irmãs da Congregação das Filhas do Amor Divino, que tem no Colégio Nossa Senhora das Neves, em Natal, a sede provincial.

O Educandário, consequência do projeto que a Madre Francisca Lechner idealizou, explica Irmã Marli, promoveu ao longo dos anos a introdução de vários cursos e profundas reformas em seu espaço físico, incluindo a descaracterização da fachada original da escola. "Muitos filhos ilustres do Vale do Assu aprenderam suas primeiras letras ali", ressalta a irmã. Estudiosa da obra de Cascudo, a professora Vânia Gico, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e pesquisadora da Base de Pesquisa Cultura, Política e Educação da UFRN, confirma as observações da irmã Marli: "A história da Escola Nossa Senhora das Vitórias passa pela história do ensino do RN e também pela vida de Câmara Cascudo. Aqui foi comemorado, em 1998, o centenário de seu nasci-

Arquivo/DN



Eduardo Maia/DN/28.10.05

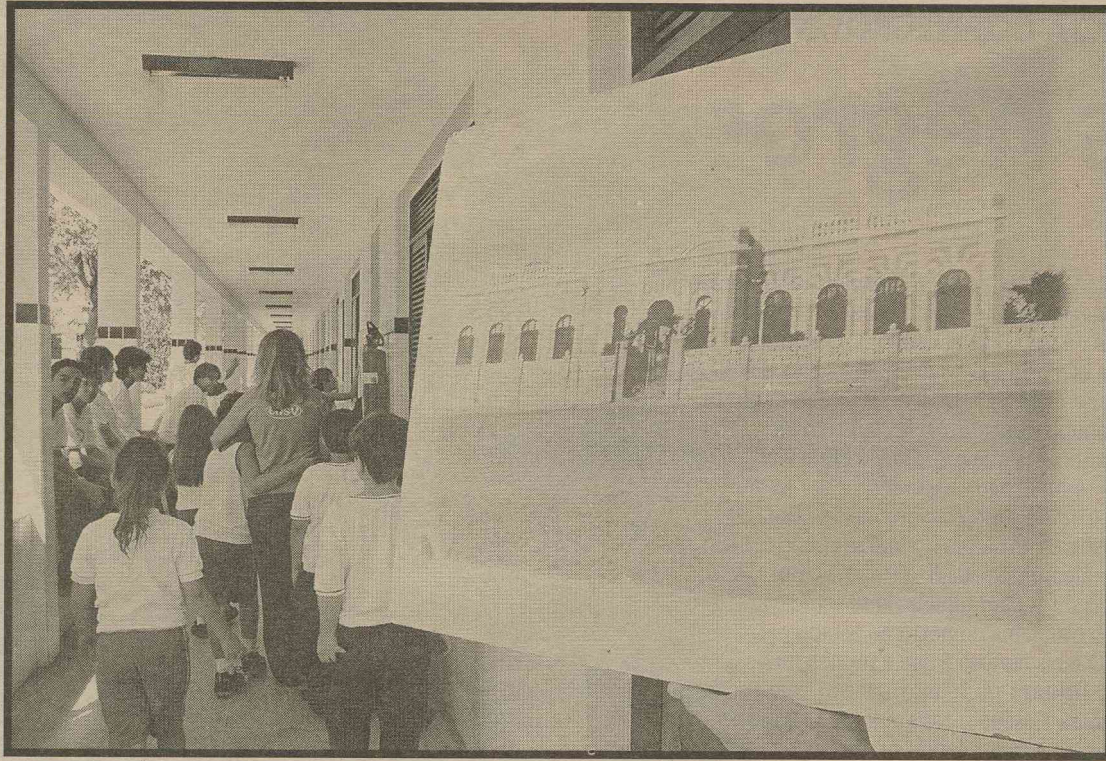


Arquivo/DN



Escola inaugurada é exemplo de dedicação, disciplina e receptividade à comitiva

Fotos: Eduardo Maia/DN/28.10.05



Escola fez exposição para homenagear Luís da Câmara Cascudo



mento, com presença de sua filha Ana Maria Cascudo".

A professora de língua portuguesa do Educandário, Maria de Fátima Alcântara comentou que, para as comemorações do centenário de nascimento de Cascudo na escola, em 1998, o colégio contou com a presença da filha de Cascudo, Ana Maria Cascudo e o filho dela, Newton, que colaboraram imensamente nas comemorações da escola repassando muitas informações sobre o cotidiano do folclorista. Ela disse ainda que Cascudo visitou a escola em 1934, com o poeta Celso da Silveira. Na época era Escola Mista, e o primeiro lugar visitado por Cascudo foi a Biblioteca, onde descansou.

Hoje, o Educandário repetiu os avanços conseguidos em Natal pelo Colégio Nossa Senhora das Neves e também virou faculdade. Neste ano, em parceria com o Sistema Positivo de Ensino, iniciaram de forma pioneira naquela região as atividades da Faculdade Católica Nossa Senhora das Vitórias, com os cursos de Gestão de Pequena e Média Empresa e Ciências Contábeis. "Acreditamos que abrir portas para a educação é colaborar com o desenvolvimento do nosso país", acredita irmã Marli.

PARAÚ E ALEXANDRIA

Das cinco escolas que o pequeno município de Paraú possui, duas são estaduais: uma delas, a Luiz Gondim, foi a primeira do município, inaugurada quando da visita da comitiva na cidade. E Paraú tem ligação íntima com Cascudo. Foi lá onde o historiador viveu parte de sua infância. O nome da escola inaugurada naquele momento, era do primo legítimo de Cascudo, Luiz Gondim. Mesmo assim, o Estado não respeitou a importância do ato ou da memória do município. De todas as escolas visitadas pela expedição "Viajando o Sertão de Novo", no final de outubro, a Escola Estadual Luiz Gondim foi a única que se encontra-

va interdita, já há dois meses, por comprometimento de sua estrutura física.

Diferente da situação estrutural da escola estadual de Paraú, o município de Alexandria preservou, inclusive, a fachada original do então Grupo Escolar João Bernardino, o primeiro do município, fundado em abril de 1934. Mas foi um mês depois, em 22 de maio, que a Escola Estadual Waldemar de Sousa Veras, nome que traz hoje, com ensino fundamental de 5ª a 8ª série, seria inaugurada por Mário Câmara. E se Cascudo cita o município de Paraú com afeição pelos anos de infância em que andou por seus "campos suaves, ladeados de vegetação fina e verde", sobre Alexandria o folclorista poetisa o então Grupo Escolar do município, que se tornaria, a partir dali, Escola Estadual.

Nestas palavras de Cascudo, o Grupo Escolar ganhou uma carta de fundação de uma simplicidade acolhedora. "O mais bonito da província. A casa da escola antiga parecia um quarto de prender meninos. Baixinha, escura, triste em sua janela pensa e porta única que mal deixava entrar, como envergonhada de ser tão feia para uma finalidade resplandescente", escreveu.

LUÍS GOMES

No município de Luís Gomes, outro registro no livro de Cascudo. O município conta hoje em sua estrutura educacional com três escolas estaduais: Mariana Cavalcanti, Manoel Fernandes, e a Escola Estadual Coronel Fernandes, hoje com 500 alunos, distribuídos entre a 5ª até 8ª série e Ensino Médio, visitada pela comitiva do interventor Mário Câmara. O prédio da Escola, inaugurado em 1934 é hoje sede da Câmara Municipal da cidade. Com 20 anos de sua inauguração, a Escola Estadual Coronel Fernandes instalou-se em novo espaço físico, distante alguns metros da Câmara.

Quando a expedição Viajando o Sertão de Novo chegou ao local, a Escola estava em ple-

na reforma. Segundo a diretora Joseni Costa, "aquela era a primeira grande obra na escola, não de ampliação, mas de recuperação". A reforma, explica o mestre de obra Eliudo Feitosa, abrange a troca total das telhas britânicas por telhas em cerâmica. A instalação hidráulica e elétrica foi toda renovada. Nas paredes, colocação de pastilhas e fórmicas para moldura. As janelas e portas de aspecto singelos, retratos da arquitetura antiga, feitas de compensado e "duratex frágil", foram trocados por novas portas e janelas com madeiramento de jatobá. Os quadros ainda de cimento batido e liso, mas em bom estado de conservação, foram substituídos por outros mais novos. "A educação vai evoluindo e a estética vai pedindo novo padrão", disse o mestre de obra.

O detalhe importante nessa reforma é que a Escola Coronel Fernandes foi tombada como patrimônio histórico pelo Estado, em 2004, quando estudantes da UFRN estiveram no local e constataram a carência de reconhecimento da Escola como patrimônio. No entanto, sua estrutura física e arquitetônica, retratos da passagem de Cascudo pela cidade e da memória do município, estava sendo refor-



Luís da Câmara Cascudo registrou no jornal A República a experiência de sua viagem



Expedição também encontrou algumas escolas bem equipadas e desenvolvendo uma boa qualidade de ensino

SERIDÓ INTELLECTUAIS POLEMIZAM SOBRE EXISTÊNCIA DOS NEGROS NO RN

A presença dos negros

UMA ALDEIA DE NEGROS
OTÁVIO PINTO

Em suas interessantes reportagens sobre a viagem que fez pelo sertão potiguar, afirmou Luís da Câmara Cascudo não ter visto um só negro nos 1.307 quilômetros que percorreu. Realmente, no Rio Grande do Norte quase que não existem negros. A percentagem é insignificante. As causas, que explicou, são bem justas. No entanto, quando estive em Acari, visitei, um dia, uma aldeia de negros que existe naquele município, a qual lembra uma perfeita cubata africana.

Em agosto de 1930, jantava eu no hotelzinho Carnaúba, em companhia do Dr. Flávio Maroja Filho, quando ele me apresentou a Chica de Rafael, dizendo que a mesma era da aldeia dos negros. Fiquei, então, bastante surpreendido em saber que havia um povoado de negros no meu Estado e, muito especialmente, em pleno sertão da Seridó. Achando isso deveras esquisito, demonstrei logo o meu grande desejo de conhecer essa aldeia africana. Chica de Rafael, ao saber dessa minha resolução, mostrou os seus alvos dentes em sinal de antecipado agradecimento.

Dormi em Carnaúba. No dia seguinte, ao amanhecer, fomos despertados pelos gritos estridentes de Chico Barulhão, fazendeiro do "Ermo", que fora convidado pelo Maroja Filho para tornar a viagem mais agradável com suas interessantes palestras sertanejas. Zé Dantas já estava na calçada com os cavalos selados e prontos para a longa caminhada. Meia hora depois, os animais se entubibaram pela estrada, soltando o Coronel Barulhão uma de suas formidáveis risadas pelo meu jeitão desengonçado de montar o cavalo. Passamos pela "Pedra do Dinheiro", subimos a serra do Maribondo de, cujo cimo, avistamos o colossal toqueirão da serra da Borborema que parecia um monstro antediluviano de fauce hiante, querendo engolir a cidade de Parelhas. O sol escaldava, quando descemos a serra. Às dez horas, chegamos à aldeia Boa-Vista e fomos logo para a casa de Teodósio Fernandes da Cruz, que estava nos esperando no terreiro de sua residência, em companhia de seus nove filhos. A negralhada, quando soube da nossa chegada, veio se aproximando desconfiadamente. De um curral saiu uma preta, com uma cabeleira tão grande e assanhada que julguei ela trazer um enorme arapuá na cabeça. Todos os habitantes de Boa-Vista são pretos retintos. Seus traços fisionômicos são do perfeito e legítimo africano. Eu estava admiradíssimo de vê-los assim agrupados em pleno sertão do meu Estado, o que não deixava de ser original e estranhável.

Teodósio Fernandes da Cruz é o capitão (chefe) daquela aldeia. Tem seus 70 anos, porém é musculoso e forte como o preto Yorik, de que nos fala Pitigrili. Sentei-me junto do velho Teodósio, para saber alguma coisa daquela aldeia, enquanto o Maroja receitava a negralhada.

"Antigamente, éramos uns 500 negros residentes aqui em Boa-Vista, começou o capitão, com um certo orgulho. Mas, devido aos anos consecutivos de seca eles foram emigrando para os brejos. Na serra do Coité (Paraíba) há outra aldeia de negros. Outrora, isso aqui tinha vida e era divertido, seu doutor! O zambê rolava noite e dia ao som do pife, do tabu que e da puíta. A beerragem era franca. Tempo de festa, esse terreiro se enchia de gente e de Luminária. A dança preferida era o pulachi, saracoteado lascivo dos quadris e das umbigadas. Havia também o xangô e os pagés que preparavam a surema (sortilégio) para a cura de mandinga e de espinhela caída. Hoje, nada mais disso existe, acrescentou, finalmente, o velho capitão, baixando a voz cheio de saudade. A seca veio e acabou com o nosso povoado e com os nossos divertimentos.

Deixamos o Capitão Teodósio Fernandes da Cruz cercado de toda a negralhada da sua aldeia, recordando o tempo feliz do pulachi... Passamos o rio da Cobra e nos apeamos em casa de Chica de Rafael que, impaciente, nos esperava para o almoço. Comemos carne assada, coalhada com rapaduras e, café com tapioca, servidos pelas gentis negrinhas de Boa-Vista, a aldeia de negros do Rio Grande do Norte, que Luís da Câmara Cascudo não viu. Goiana-Pernambuco.

Otávio Pinto
A República-Natal, 13.07.1934 (Livro *Viajando o Sertão* Luís da Câmara Cascudo)

"...Cascudo tocou de raspão no problema do negro, dizendo não ter encontrado, no roteiro da sua viagem, nenhum representante da raça negra, que denotasse a presença do melo-dermo nos 1.307 quilômetros de terra por onde andou. Esta afirmação, feita em tese, foi suficiente para que o Sr. Otávio Pinto viesse à tona, em artigo assinado n'A República, (13.07.1934), mostrar que havia "Uma Aldeia de Negros no Seridó", como se aquilo constituísse alguma novidade para o escritor Câmara Cascudo e para aqueles que estudavam com ele o problema do negro no Estado.

O mais curioso é que o município de Caicó não figurava no roteiro traçado pelo escritor Câmara Cascudo, tornando-se inócua, senão infantil, a argumentação do seu apressado censor.

Pareceu-me também de interesse bibliográfico a publicação em apêndice, nesta edição, do artigo - Uma Aldeia de Negros no Seridó - do escritor Otávio Pinto, por dois motivos: 1.º, para mostrar a repercussão que teve no tempo o livro *Viajando o Sertão*; 2.º, pela contribuição inegável que trouxe o autor do artigo ao estudo do negro no Rio Grande do Norte.

Estas são, de modo geral, as notas que poderia acrescentar ao texto do livro do eminente mestre e amigo Luis da Câmara Cascudo, a quem me ligam sentimentos de amizade fraternal e simpatia humana nunca jamais arrefecidos ao longo de muitos anos. (...)

Natal, 05 de julho de 1974.

Manoel Rodrigues de Melo (Trechos de texto publicado no livro *Viajando o Sertão*)



É interessante a nota que acaba de aparecer no número de 13 de julho de 1974, da revista *República*, sobre a existência de uma aldeia de negros no Seridó, no Rio Grande do Norte. O Sr. Manoel Rodrigues de Melo, que escreve a nota, afirma que viu essa aldeia em Boa-Vista, município de Caicó, em 1934. Esta afirmação é muito interessante, porque, como sabemos, o Sr. Luís da Câmara Cascudo, em seu livro *Viajando o Sertão*, publicado em 1934, afirma que não viu nenhum negro no Rio Grande do Norte durante sua viagem. Esta afirmação de Sr. Manoel Rodrigues de Melo é muito interessante, porque, como sabemos, o Sr. Luís da Câmara Cascudo, em seu livro *Viajando o Sertão*, publicado em 1934, afirma que não viu nenhum negro no Rio Grande do Norte durante sua viagem.

É interessante a nota que acaba de aparecer no número de 13 de julho de 1974, da revista *República*, sobre a existência de uma aldeia de negros no Seridó, no Rio Grande do Norte. O Sr. Manoel Rodrigues de Melo, que escreve a nota, afirma que viu essa aldeia em Boa-Vista, município de Caicó, em 1934. Esta afirmação é muito interessante, porque, como sabemos, o Sr. Luís da Câmara Cascudo, em seu livro *Viajando o Sertão*, publicado em 1934, afirma que não viu nenhum negro no Rio Grande do Norte durante sua viagem.

Reprodução/Eduardo Maia

DN VESTIBULAR

DN VESTIBULAR

PREPARO ALUNOS DO ENSINO MÉDIO CONHECEM A OBRA DE CÂMARA CASCUDO EM AULA DE CAMPO

VIAJANDO o sertão

AGRIANA AMORIM DE OLIVEIRA PROJETO EDUCAÇÃO

Não se trata de um passeio de lazer, com câmeras em mãos e flashes disparando, e sim de uma expedição de trabalho, de caráter científico e pedagógico. É assim que se pode definir a viagem de campo realizada por um grupo de alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual de Cascudo, em Natal, RN, em parceria com a professora de História, Adriana Amorim de Oliveira. O grupo, formado por 12 alunos, saiu de Cascudo no dia 21 de novembro e chegou a Natal no dia 28 de novembro.

O objetivo da viagem é conhecer o Sertão de Cascudo, região conhecida por sua história e cultura. A viagem é organizada pela professora Adriana Amorim de Oliveira, que tem como objetivo proporcionar aos alunos uma experiência de aprendizagem prática e significativa.

A viagem é organizada em parceria com a professora Adriana Amorim de Oliveira, que tem como objetivo proporcionar aos alunos uma experiência de aprendizagem prática e significativa.

Com o apoio da professora Adriana Amorim de Oliveira, o grupo de alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual de Cascudo, em Natal, RN, realizou uma viagem de campo para conhecer o Sertão de Cascudo, região conhecida por sua história e cultura.

A viagem é organizada em parceria com a professora Adriana Amorim de Oliveira, que tem como objetivo proporcionar aos alunos uma experiência de aprendizagem prática e significativa.

Em meio a paisagens desérticas e históricas, o grupo de alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual de Cascudo, em Natal, RN, realizou uma viagem de campo para conhecer o Sertão de Cascudo, região conhecida por sua história e cultura.

A viagem é organizada em parceria com a professora Adriana Amorim de Oliveira, que tem como objetivo proporcionar aos alunos uma experiência de aprendizagem prática e significativa.

A viagem de campo realizada pelo grupo de alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual de Cascudo, em Natal, RN, teve como objetivo proporcionar aos alunos uma experiência de aprendizagem prática e significativa.

A viagem é organizada em parceria com a professora Adriana Amorim de Oliveira, que tem como objetivo proporcionar aos alunos uma experiência de aprendizagem prática e significativa.

Após alguns dias da expedição "Viajando o Sertão de Novo", o DIÁRIO DE NATAL realizou uma cobertura especial, abordando aspectos culturais, sociais, econômicos e históricos do sertão potiguar, numa reportagem publicada no POTI do dia 6 de novembro: "Os sertões de Cascudo Revisitados". Destacada em três páginas inteiras, na editoria Cidades, os textos foram escritos em primeira pessoa, pelo repórter Sérgio Vilar, que fez uma descrição minuciosa de todos os momentos da viagem, durante os três dias, resultantes de muitas descobertas, imprevistos e atrasos.

REGISTRO JORNAIS IMPRESSOS DE NATAL DESTACAM CARAVANA

A repercussão da viagem

Após alguns dias da expedição "Viajando o Sertão de Novo", o DIÁRIO DE NATAL realizou uma cobertura especial, abordando aspectos culturais, sociais, econômicos e históricos do sertão potiguar, numa reportagem publicada no POTI do dia 6 de novembro: "Os sertões de Cascudo Revisitados". Destacada em três páginas inteiras, na editoria Cidades, os textos foram escritos em primeira pessoa, pelo repórter Sérgio Vilar, que fez uma descrição minuciosa de todos os momentos da viagem, durante os três dias, resultantes de muitas descobertas, imprevistos e atrasos.

O repórter mostra as suas impressões pessoais desde o início da viagem, registrando detalhes até mesmo das paradas ocasionadas por um pneu furado e a entrada numa estrada que tinha como fim uma torre de televisão. Dentre tantos outros aspectos, ele ainda cita a ausência da culinária do passado de Cascudo, o qual descreve em seu livro os saborosos pratos do interior, como o feijão verde, o mugunzá e a carne moqueca.

Além desse importante registro textual, as imagens realizadas durante o percurso pelo fotógrafo Eduardo Maia ilustram com clareza momentos marcantes - porém, comuns - do interior do Rio Grande do Norte. Dias antes, no entanto, o DN VESTIBULAR, encarte especial que circula de julho a dezembro no Diário de Natal, realizou uma cobertura especial com os estudantes do Ensino Médio que iriam prestar o concurso Vestibular. Sob o título "Viajando o Sertão", a matéria circulou no dia 2 de novembro, e é de autoria de Adriana Amorim.

Reprodução/Eduardo Maia

The collage consists of several newspaper clippings from 'DIÁRIO DE NATAL'. The central and largest clipping is the article 'OS SERTÕES DE CASCUDO REVISITADOS' by Sérgio Vilar. It features a map of the sertão region and several photographs showing a bus, a person on a horse, and various scenes from the sertão. The article is dated November 6, 2005. Other smaller clippings are visible around the main one, including one titled 'SERTÃO CALO' and another 'SERTÃO ENCORAB'.

matéria publicada no DIÁRIO DE NATAL sobre a viagem, mostrando os diversos aspectos dos municípios visitados

ARTIGO

WOBER LOPES PINHEIRO JÚNIOR

Viajando na trilha de Cascudo

D Luca/DN/3.8.05



Secretário da Educação,
Wober Júnior

Frankie Marcone/DN/26.9.05



Governadora Wilma de Faria

Reconstituir a viagem realizada em 14 dias por Luiz da Câmara Cascudo, pelo interior do Rio Grande do Norte no ano de 1934, desta vez em apenas três dias foi, simplesmente, um verdadeiro desafio. Apesar de contarmos com melhores condições de viagem, o Projeto Viajando o Sertão proporcionou a todos os parceiros desta caravana conhecer o caminho traçado por Câmara Cascudo, suas trilhas e veredas, adentrando em um mundo que, apesar de ser tão real a nossos olhos, ainda anda muito escondido pela rotina diária.

A iniciativa do DIÁRIO DE NATAL, em parceria com o Governo da professora Wilma de Faria, através da Secretaria de Educação, UFRN e CEFET certamente já está rendendo bons frutos. A viagem reconstitui 70 anos de história, o percurso realizado pelo interventor Mário Câmara, pelo "Diretor" de Educação (Secretário de Educação à época) e o próprio Cascudo, que também participou da inauguração de vários "Grupos Escolares" - escolas isoladas, multiseriadas, construídas à época na região rural do estado.

Munidos de máquinas fotográficas, gravadores e filmadoras; professores, alunos, pesquisadores do CEFET, da Universidade e rede pública estadual, fizeram o mesmo trajeto da comitiva dos anos 30 e, através de documentos, registraram, fotografaram e conversaram com autoridades locais que estiveram presentes, quando da passagem de Cascudo e/ou, sabiam sobre a passagem do mesmo pela redondeza.

A comitiva percorreu mais de 50 municípios potiguares, em um total de 1.236 Km. Conversou com os moradores, visitou as antigas escolas, por onde Câmara Cascudo passou e pôde verificar que muita coisa mudou no sertão de Cascudo do ano de 1934, e o sertão de hoje. Composta por 50 pessoas, a comitiva trouxe registros significativos para a educação potiguar, principalmente, das cidades que tiveram parada obrigatória como Assu, Paraú, Espírito Santo, Caraúbas, Cerro Cora, Alexandria, Luiz Gomes, Pau dos Ferros, Severiano Melo, Mossoró e Areia Branca.

A experiência foi algo indescritível, uma grande descoberta para os professores, uma das mais importantes

aulas para os alunos, cuja lição não termina quando chegaram em Natal. Certamente foi uma viagem marcante para todos eles que têm agora a missão de repassar para seus colegas o conhecimento adquirido no sertão a dentro. Trabalhando em conjunto com os professores, eles tiveram que fazer relatórios de viagem, seminários, debates e exposição de fotografias do que viram fotografaram durante esses dias, tornando-se em verdadeiros multiplicadores dos ideais de Câmara Cascudo, traçados na década de 30, em pleno sertão potiguar.

*É secretário de Educação, Cultura e Desportos do RN

VIAJANDO O SERTÃO DE NOVO

